

CGTP insiste na mobilização em 2001

Lutar com mais força



Os resultados da negociação colectiva, matéria «quente» na entrada do ano, dependem sobretudo da mobilização dos trabalhadores – salientou o Plenário Nacional de Sindicatos da CGTP-IN, realizado numa semana de muitas lutas, com destaque para a dos mineiros de Neves Corvo.

Págs. 5 e 24



**António Abreu
explicita ideias
da sua candidatura
Presidente
da República
não tem
poderes a mais**

Pág. 7

XVI CONGRESSO
PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

**A palavra
aos
delegados**

Neste número, iniciamos a publicação das intervenções das organizações regionais do Partido. No próximo número, contamos concluir a publicação destas intervenções bem como de entrevistas realizadas com membros de delegações estrangeiras que participaram no Congresso.

Págs. 11 a 14

Planos e orçamentos

Prioridades para 2001

É tempo de debate e aprovação dos planos e orçamentos dos municípios. Uma actividade que tem vindo a concretizar-se por todo o País e de que damos hoje algumas notícias.

Pág. 9

Assembleia da República

Reforma fiscal aprovada

Com a abstenção do PCP e os votos contra da direita foi aprovada a proposta de lei que concretiza a reforma fiscal. Uma lei que o PCP considera ter aspectos positivos, nomeadamente os que resultam das contribuições dos comunistas.

Pág. 8

Médio Oriente

Novo encontro

Os líderes palestino e israelita vão encontrar-se hoje no Egipto, dias depois das negociações de Bolling terem sido suspensas. Em cima da mesa estão as propostas de Bill Clinton.

Pág. 15

Crónica Internacional

• Manuela Bernardino

As crianças e as mafias

No dia 12 de Dezembro foi apresentado, em Genebra, o relatório anual da UNICEF sobre a situação das crianças no mundo. Dedicado à primeira infância, o documento alerta governantes e organizações internacionais para que só haverá progresso social e desenvolvimento humano se forem radicalmente alterados os cuidados que merecem os primeiros anos de vida. No mesmo dia, em Palermo, reuniram-se sob a égide da ONU representantes de 180 estados para debater e coordenar acções contra o crime organizado. Escamoteando causas e iludindo responsabilidades, as preocupações manifestadas pelos participantes nos dois conclaves decorrem, contudo, da actual fase de desenvolvimento do capitalismo que coloca o enorme potencial de conhecimento ao dispor do Homem não ao serviço do desenvolvimento económico e social, mas antes o utiliza em actividades especulativas que geram tremendas desigualdades, actividades ilícitas e imorais que degradam a própria condição humana e a vida democrática à escala planetária.

Enormes perdas em recursos e potencial humano é como a UNICEF avalia a situação actual da infância. Responsabiliza a pobreza pela curta vida para 11 milhões de crianças que morrem, cada ano, com doenças que se poderiam evitar e lembra que 170 milhões vivem subnutridas e 100 milhões tornar-se-ão adultos sem passar pela escola. Atenta às desigualdades, a UNICEF reclama o financiamento dos cuidados à 1.ª infância, como potenciador de importante crescimento económico – cada dólar investido geraria 7 dólares em economias – que beneficiaria os povos, no seu conjunto.

Investir em áreas sociais ligadas aos primeiros e decisivos anos de vida é contribuir para atenuar os actuais flagelos da fome, da doença e do analfabetismo. Bastaria 1% dos gastos anuais em armamento para garantir a escolaridade de todas as crianças, ainda segundo a UNICEF que, entretanto, propõe que 20% dos orçamentos estatais sejam dedicados ao apoio social e à educação das crianças.

Enquanto falta o dinheiro para resolver os problemas de centenas de milhões de crianças, ele abunda nos “bolsos”, ou melhor, na banca, em património imobiliário e serviços criados pelas muitas e diversas mafias deste mundo. Dinheiro sujo, também obtido, parte dele, através do tráfico de crianças. Para a prostituição, para a comercialização de órgãos, para adopção... aos mafiosos pouco interessa o destino das crianças que mercantilizam. Apenas os lucros que obtêm contam. Calcula-se que as associações criminosas que hoje actuam à escala planetária detêm 15% do PIB mundial. Ao narcotráfico e ao tráfico de armas juntou-se, com grande peso, o tráfico de mulheres e de imigrantes. As imagens de dezenas de trabalhadores mortos dentro dum contentor que atravessou várias fronteiras são “sinais do tempo”. Tempos conturbados e incertos, estes que vivemos.

À profunda alteração da correlação mundial de forças da última década correspondem radicais mudanças na geopolítica do crime organizado. Se na Sicília “a mafia deixou de existir” (DN, 16.12), elas surgem a leste, onde a passagem desordenada e descontrolada para o capitalismo, associada à perda de valores e de referências, de apoios sociais e alterações culturais, criou condições propícias ao desenvolvimento de associações criminosas. À deslocalização das mafias correspondem novas conexões e uma acentuada internacionalização, facilitada pela Internet e a proliferação de paraísos fiscais. A história da Mafia/mafias revela que o seu sustentáculo não é apenas o seu poderio económico e os seus métodos – lavagem de dinheiro, corrupção, violência, chantagem – mas a sua penetração e fusão com o poder económico, financeiro político e judicial.

Há muito que o nosso Partido alerta para os muitos perigos que decorrem da expansão do crime organizado. Temos sobre a matéria posição clara, corporizada numa proposta de Programa Nacional de Prevenção e Combate ao Branqueamento de Capitais. Entendemos, tal como a Cimeira de Palermo agora concluiu, que aí se localiza um dos pontos fracos das mafias. Atingindo-o, caminha-se para acabar com a imoralidade que constitui serem apenas necessários 16% do que se supõe que, anualmente, acumulam as mafias em lucros financeiros para “permitir a todos os recém-nascidos uma boa partida para a vida”.

Editorial

MENSAGENS E TAREFAS

O ano 2000 chega ao fim em trivialidade, provando que o mundo, isto é, a realidade, não se compadece com a numerologia. Nada do que podiam muitos imaginar que aconteceria pelo simples facto de se cumprir mais um milénio neste calendário cristão aconteceu, nada deixou de acontecer por esse mesmo facto. E o ano termina com o seu cortejo de desastres esperados – acidentes na estrada, inundações nas terras onde são já tradicionais – e de injustiças mais do que esperadas, já que fazem parte do sistema em que vivemos.

Não vamos aqui fazer balanço de desgraças, ao jeito de mensagem, mais ou menos suavizada de tais injustiças. Pelo mundo fora multiplicam-se tais recados tão artificiais quanto as luzes que dão cor à «quadra festiva» e transformam em arraial consumista uma festa de paz e de fraternidade. Na Inglaterra, a Rainha fala da «responsabilidade» que tem «perante Deus»; em Roma, o Papa apela mais uma vez à paz, preocupado com «os lugares santos». Mais prosaicamente, Guterres, em Portugal, distribui por todos as responsabilidades que lhe pesam e garante que, quanto a si próprio, tem-se atarefado a «corrigir injusti-

ças». Disse ele que, «mesmo que essas injustiças durem há décadas, nunca é tarde para as corrigir». Talvez se engane, se pensa em remendá-las. Por vezes, é mesmo tarde de mais.

É que o Primeiro-Ministro tem mostrado, ao longo dos anos e não apenas durante o que ora finda, que «a razão e o coração» que lhe assistem não vão a lado nenhum no caminho de corrigir as injustiças. Com ele em São Bento, elas agravaram-se em Portugal – há um punhado de ricos cada vez mais ricos e o desenvolvimento não chegou cá; há empresários ajudados com milhões e trabalhadores que vêem os seus direitos espezinhados, os seus postos de trabalho perdidos. E quando fala na sua determinação em «servir os portugueses» deve estar a pensar nuns poucos. Nesse grupo não cabem certamente os mineiros da Neves Corvo, para quem Guterres tem as orelhas moucas. Mas deve estar a pensar na maioria dos portugueses quando, atribuindo as dificuldades que as famílias suportam a factores alheios à sua política, nomeadamente à subida das taxas de juro e aos aumentos dos preços do petróleo – que afinal têm descido – os exorta a «trabalhar em conjunto» para superá-las.

“Começa um novo ano mas as lutas continuam, ignorando a marcação dos dias”

O ano acaba, e com ele o século e o milénio, segundo as contas que nos apresenta o calendário. Nada de novo, portanto. O que é novo é sempre o que, com as suas mãos, os homens projectam construir. A História, mais uma vez se comprova, não chegou ao fim, a luta de classes continua. Há que persistir nas batalhas. Aquelas que podem marcar-se na agenda e as que vão surgindo ao caminho difícil que percorremos hoje. Começa um novo ano e as lutas prolongam-se desde este momento, ignorando muitas vezes a marcação dos dias.

Mas há datas marcadas. A das eleições presidenciais, por exemplo, para as quais os comunistas avançam, com determinação e confiança e as suas razões de esquerda.

E vale a pena lembrar, «porque o tempo passa a correr», como alertou Jorge Cordeiro no XVI Congresso, as eleições autárquicas, previstas para finais de 2001. O trabalho que tem em vista a sua preparação por parte dos comunistas começou ou vai começar em breve. «Há que adoptar», como também lembrou então, «as medidas indispensáveis à intervenção eleitoral. Ou seja, afirmar o nosso trabalho, divulgá-lo e valorizá-lo; encontrar força no apoio popular às nossas propostas e projectos; constituir listas capazes de responder às expectativas das populações e assegurar um trabalho futuro ao nível das nossas responsabilidades; confirmar e ampliar a CDU como um amplo espaço de participação e realização democrática e em que seja crescente o número de cidadãos que se juntem aos militantes do PCP, dos Verdes e da ID.» É uma tarefa que vai exigir de todos nós, e em particular dos muitos milhares de camaradas mais directamente ligados a esta frente de trabalho por todo o País, um grande empenhamento. Que vale a pena.

Sintomática foi também a postura do Presidente da República, Jorge Sampaio. É de tradição que dirija aos seus compatriotas uma mensagem de ano novo. Ele próprio

Jogos do Alentejo

O Comité Olímpico de Portugal vai patrocinar os Jogos do Alentejo, uma iniciativa inédita em Portugal que irá mobilizar toda uma região.

De 3 de Fevereiro a 1 de Julho de 2001 a região apresenta ao país os Jogos do Alentejo, um conjunto de 30 modalidades com a participação de 25000 atletas.

Em causa está uma grande acção de animação desportiva em que se procurarão criar condições para que o maior número de habitantes participe numa prática desportiva.

O projecto assenta em dois princípios fundamentais: a coordenação de esforços entre todas as entidades que têm a ver, directa ou indirectamente, com o desporto e a descentralização da organização.

São finalidades destes Jogos, o enriquecimento cultural e a animação locais, a coordenação de esforços no interior de um projecto global, a contribuição para a melhoria da qualidade de vida das populações, a luta contra a desertificação, a segregação e a exclusão sociais.

São objectivos desta iniciativa procurar responder a necessidades concretas de diferentes grupos da população, contribuir para a humanização da prática desportiva, promover a organização de um vasto quadro de actividades abertas a todos, contribuir para o processo de desenvolvimento cultural e desportivo da região, contribuir para a luta contra a desertificação, promover a coordenação entre a acção desenvolvida por autarquias e diversas entidades, de modo a consolidar a coesão social e a reforçar a identidade própria da região.

CDU/Cacém Direitos das populações

A requalificação urbana de Agualva-Cacém e a luta, com sucesso, desenvolvida pela CDU para a construção de um menor número de fogos numa zona completamente saturada de betão, são tema de um comunicado de imprensa da CDU/Sintra, que lembra que foi a primeira força política a falar de requalificação.

Entretanto, e face à prevista demolição de cerca de 400 fogos, de dezenas de estabelecimentos comerciais, de estabelecimentos de ensino e creches, a CDU alerta para a necessidade de garantir os direitos da população.

Por isso, reivindica: nem mais um fogo do que os necessários para realojar as famílias desalojadas por força do plano; demolições só feitas após realojamentos no local definido pelo plano; garantia de realojamento de todos os serviços e actividades agora existentes na área do plano; garantia de manutenção do comércio e serviços do Cacém de forma a que os trabalhadores continuem a receber os seus salários.

Souselas Vigília contra a co-incineração

Um membro da Coordenadora Nacional contra os Tóxicos, vestido de Pai Natal, depositou uma «prenda» para o presidente da Câmara de Coimbra, junto dos paços do município, durante a vigília contra a co-incineração.

O «presente» é uma caixa de papelão «cheia de dioxinas e furanos», depois de o autarca socialista ter considerado não existirem razões para impedir o processo de co-incineração de resíduos industriais perigosos na cimenteira de Souselas, após a divulgação do estudo médico sobre os efeitos deste processo na saúde pública.

Num texto distribuído aos participantes na vigília, por membros da Coordenadora envergando máscaras antigas e anti-partículas (semelhantes às usadas nas cimenteiras), é sublinhado que o referido parecer médico «manifesta alguns receios, suficientes para aplicar o princípio da precaução».

«Estamos em presença de um crime ecológico e de um crime contra as populações», frisa a Coordenadora.

O presidente da Junta de Freguesia de Souselas, da CDU, José Figueiredo, presente nesta vigília simbólica, declarou: «Estamos prontos para tudo e é o que queremos mostrar ao Governo.»

Nos cartazes e faixas exibidos no local lia-se dizeres como «Onde estás, ó Machado? Estás a ser co-incinerado?» e «A co-incineração é um negócio, não é uma solução ambiental».

«Ignorância e tacanhez»

A Alta Autoridade para a Comunicação Social decidiu, por maioria, não dar provimento à queixa apresentada contra a RTP por dois atletas deficientes, que reclamaram contra o facto da estação pública não ter feito a devida cobertura noticiosa dos Jogos Paralímpicos, que decorreram de 18 a 29 de Outubro, em Sydney.

Protestando contra este facto, que classifica como «ignorância e tacanhez», a Confederação Nacional dos Organismos de Deficientes lembra que as pessoas com deficiência em Portugal rondam o milhão, ou seja, cerca de 10 por cento da população portuguesa.

A Confederação sublinha ainda que nestes jogos participaram 4000 atletas de 127 países e que os portugueses ganharam 14 medalhas na anterior edição dos jogos e 15 na última.

Em comunicado de imprensa, a Confederação protesta contra a discriminação e exige respeito pela dimensão social das pessoas com deficiência.

Planos de actividade e orçamentos Definir prioridades para 2001

É tempo de debate e aprovação dos planos e orçamento dos municípios. Uma actividade que tem vindo a concretizar-se por todo o País, e de que aqui hoje damos algumas escassas notícias.

Habituação, cultura, educação e ambiente são as áreas prioritárias, no quadro do Orçamento e Plano de Actividades para 2001, que o executivo da Câmara Municipal de Loures aprovou por maioria.

Dos cerca de 25 milhões de contos orçamentados, prevê-se que cerca de 2,9 sejam investidos na área da habitação e do urbanismo. A continuação da execução do Programa Especial de Realojamento, a revisão do Plano Director Municipal, a recuperação das Áreas Urbanas de Génesis Ilegal e a reabilitação e revitalização urbana serão alguns dos investimentos que a autarquia prevê realizar durante o próximo ano.

Por outro lado, nas áreas da cultura, desporto e tempos livres, que têm mais de 1,9 milhões de contos orçamentados, os principais projectos a executar são a construção da Biblioteca Municipal José Saramago, Complexo Desportivo de Via Rara, os Parques Urbanos de Camarate e Santo António dos Cavaleiros e o Parque Desportivo de A-das-Lebres.

Para a educação, área dotada com cerca de 900 mil contos, o destaque vai para a construção da nova escola básica de Loures e para a construção dos jardins de infância de Loures, Lousa, Fanhões, Santa Iria da Azóia e Apelação.

Na Moita, a Câmara aprovou também o Plano de Actividades e Orçamento para 2001, a ser submetido à aprovação da Assembleia Municipal.

O Plano apresenta um vasto conjunto de investimentos e acções que visam, no essencial, promover o concelho e melhorar a intervenção social, elevar a qualidade de vida urbana e valorizar os recursos endógenos, além da melhoria das condições

e meios de trabalho da autarquia.

O abastecimento de água ao concelho surge como um dos investimentos mais significativos. O urbanismo, com 13 por cento do Plano, reflecte a preocupação do município com a habitação, no âmbito do Programa Especial de Realojamento. É ainda relevante o peso da cultura e do desporto que, em conjunto com outros sectores de intervenção social como a educação e a acção social, registam um crescimento de 40 por cento.

A aposta na elevação da qualidade de vida no concelho passa, em particular, por uma operação de revitalização urbana

dos recursos ambientais e patrimoniais do concelho.

Évora 2001

As principais linhas de acção e orientação para o próximo ano, o último deste mandato, foram aprovadas, em reunião extraordinária, pela Câmara Municipal de Évora.

O Plano, que pretende dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo dos anos, começa por sublinhar a importância dada à cultura de planeamento e à participação das populações nas decisões e resolução de problemas colectivos. No momento actual, sublinha-se, importa consolidar o crescimento verificado e responder às necessidades crescentes da população no plano cultural e da qualidade de vida.

A Câmara aponta o centralismo e as incertezas quanto

à intervenção, abrangendo planeamento urbano, promoção da qualidade ambiental, melhoria das acessibilidades, desenvolvimento da política ambiental, promoção do desenvolvimento económico e inovação tecnológica, a projecção de Évora como centro de cultura e património, promoção das solidariedades e da integração social e, por último, a modernização, valorização da democracia participativa e aprofundamento das relações da cidade com a região e com o exterior.

Em Mora, a Câmara e a Assembleia Municipal aprovaram as Opções de Plano e Orçamento com o mais alto investimento de sempre.

A aposta fundamental é em quatro grandes áreas – desenvolvimento económico e abastecimento público, comunicações e transportes, habitação e urbanismo e saneamento e salubridade.



Planos e prioridades a definir pelos municípios

da vila da Baixa da Banheira. A conclusão da operação de revitalização urbana do Vale da Amoreira e a intervenção do gabinete técnico local nos núcleos antigos de Alhos Vedros e Moita, a operação de valorização da Zona Ribeirinha, serão outras frentes prioritárias da Câmara, tendo como objectivos a melhoria da qualidade de vida e a valorização

aos financiamentos de origem governamental e comunitária como condicionantes da actividade municipal e refere as parcerias públicas, privadas e cooperativas como um dos pontos a apostar para a concretização dos projectos propostos.

O Plano está organizado em dez importantes áreas de

O município valoriza a ampla participação das mais diversas entidades e organismos concelhios – autarquias, associações, colectividades, forças políticas, estabelecimentos de ensino, trabalhadores da Câmara e população em geral – no processo de discussão e elaboração destes importantes instrumentos de gestão e planeamento.

A luta por uma habitação condigna

Após anos de luta, com realce para as acções desenvolvidas nos últimos dois anos, os moradores da ilha de Lamas vão ser realojados em habitações condignas. Uma luta que foi sempre apoiada pela CDU/Porto, que sempre interveio, nomeadamente através do vereador Rui Sá e dos eleitos da Assembleia de Freguesia de Paranhos.

A construção, pela Santa Casa da Misericórdia, de habitações para os moradores da ilha, de que é senhorio, decorreu da denúncia da situação em que viviam e da responsabilidade que lhe cabia. O processo de realojamento foi sendo sempre sendo adiado, com trocas de responsabilidades mútuas entre a Câmara e a Misericórdia.

Agora, finalmente, a luta dos moradores e o empenho dos autarcas da CDU abriu caminho à solução do problema e muitos moradores da ilha já passaram o Natal nas novas habitações.

Todos os moradores da ilha vão ser realojados em breve.

Mas a situação que se foi arrastando na ilha de Lamas, particularmente grave embora, está longe de ser única. No passado dia 17 de Dezembro realizou-se uma visita do vereador da CDU na Câmara Municipal do Porto, Rui Sá, ao Bairro das Campinas (Ramalde), a convite dos seus moradores, que actualmente estão a fazer um abaixo-assinado para exigir da Câmara a realização de obras.

Este bairro, construído há 37 anos, é composto por 900

casas onde habitam cerca de 2700 pessoas. Entre os habitantes conta-se uma significativa percentagem de pessoas com recursos económicos muito baixos, nomeadamente reformados (aproximadamente 28%) e desempregados (cerca de 13%).

Apesar de ter sido inaugurado há quase quatro décadas o bairro nunca teve qualquer obra de beneficiação. Os resultados estão à vista e podem resumir-se numa única palavra – degradação.

Na sua visita, a delegação da CDU constatou, por exemplo, que em grande número de habitações são visíveis as consequências da infiltração constante de humidade. Casas que só são habitáveis através do recurso permanente a desumidificadores.

Em diversos casos, a corrosão de blocos de betão armado levou à desagregação de bocados de cimento que caíram na rua.

De registar ainda a falta de uma iluminação adequada, o que põe também em causa a segurança dos moradores, e os acentuados níveis de degradação do Mercado de Levante, apesar de ter uma actividade comercial a nível local relativamente importante.

Face a esta situação, os eleitos da CDU irão levantar o problema na próxima reunião dos órgãos autárquicos competentes e solicitar que seja feita com urgência uma empreitada de obras de reparação e beneficiação daquele que é um dos maiores bairros da cidade do Porto.

Paz para a Palestina

• Ilda Figueiredo

Desde 28 de Setembro passado que a violência não pára nos territórios da Palestina. Desde então, Israel responde com bombardeamentos e ocupação militar às pedras das crianças e jovens da Intifada e os mortos sobem para mais de 350, dos quais cerca de 300 são palestinianos. E se é certo que o último fósforo que reacendeu este conflito foi a provocação de Sharon com o passeio à esplanada das mesquitas, na Jerusalém Oriental anexada, a verdade é que não se trata de um conflito religioso, mas, sim, da ocupação do território palestiniano por Israel que, impunemente, não cumpre as deliberações da ONU.

que Israel mantém ocupadas, separando famílias e impedindo a sua reunificação. Por todo o lado foi unânime a crítica à política europeia do seguidismo americano de dois pesos e duas medidas, o desânimo com as conclusões de Marselha onde decorreu a IV Conferência Ministerial Euromediterrânica, promovida pela presidência francesa da União Europeia, em meados de Novembro, e que, de acordo com as palavras da Comissão, visava dar um novo alento à colaboração euromediterrânica iniciada em Barcelona em 1995, insistindo com os países que ainda não assinaram os acordos de associação (Egipto,



A minha visita recente a três países do Médio Oriente (Jordânia, Síria e Líbano), integrada numa delegação oficial do Parlamento Europeu, permitiu-me um contacto directo com alguns dos inúmeros campos dos 3,5 milhões de refugiados palestinianos que vivem nestes países e que, legitimamente, sonham poder regressar, um dia, à sua pátria, ao Estado da Palestina, com todos os direitos de soberania que a ONU já reconheceu, mas que Israel se recusa a admitir, prosseguindo a política de colonatos nos territórios árabes ocupados e a agressão militar permanente. Durante a visita pudemos constatar as inúmeras dificuldades de um povo que há dezenas de anos sofre as agruras do exílio e as maiores privações económico-sociais que se podem imaginar, com destaque para o campo de refugiados palestinianos de Chatila, no meio das ruínas da parte de Beirute que ainda não foi recuperada da guerra que dilacerou o Líbano durante cerca de 16 anos, onde milhares de crianças sobrevivem tendo como único espaço livre os escombros que permanecem junto ao campo. Pudemos, igualmente, visitar a parte dos montes Golan que as tropas da ONU gerem, e observar de longe as aldeias drusas da Síria

Líbano, Síria e Argélia) e comprometendo-se a algumas melhorias no cumprimento do prometido apoio financeiro, designadamente no âmbito do MEDA.

Objectivo adiado

No entanto, a verdade é que um dos objectivos centrais da colaboração global decidida em Barcelona continua adiado - criar uma zona de paz e estabilidade baseada no respeito dos direitos humanos e da democracia - dando, assim, razão à recusa da Síria e do Líbano de participar na referida conferência. A declaração final, e outras posteriores da União Europeia, demonstram a enorme hipocrisia das instituições comunitárias relativamente aos países do Médio Oriente, designadamente quando colocam no mesmo plano o agressor (Israel) e o agredido (Palestina). Impõe-se, pois, que, rapidamente, a União Europeia assuma as suas responsabilidades e tome uma posição clara de condenação da agressão de Israel, exija o cumprimento das deliberações da ONU com respeito dos direitos do povo palestiniano, condição indispensável à paz para a Palestina e para todo o Médio Oriente.

Gerhard Schroder insiste num período de transição para a abertura de fronteiras

Alemanha teme livre circulação

O mercado de trabalho poderá continuar vedado aos cidadãos dos 13 novos países da adesão do leste e centro da Europa

O chanceler Gerhard Schroder receia que a Alemanha seja «invadida» por trabalhadores dos novos países de leste e centro da Europa que a partir de 2003 integrarão a União Europeia. Nesse sentido, o governante alemão fez recentemente a proposta de uma moratória de sete anos, período durante o qual o mercado de trabalho comunitário estaria vedado aos cidadãos dos novos estados membros.

Estas declarações, para além terem provocado um natural descontentamento entre os países candidatos, já foram qualificadas de exa-

geradas nomeadamente por representantes do partido «Os Verdes» que integra a coligação governamental na Alemanha. Segundo um porta-voz deste partido, Helmut Lippert, «o interesse por postos de trabalho fixos será menor do que muitos pensam», considerando que é apenas necessário contar com a chegada de trabalhadores temporários, situação que já hoje se verifica. Deste modo, os verdes alemães contrapõem à proposta de Schroder um período transitório de «apenas» três anos, alertando para o perigo de que os novos membros da

UE se sintam como cidadãos de segunda classe.

A mesma ideia é partilhada pelo presidente dos assuntos parlamentares alemão, Friebert Pfluger (cristão-democrata), que considerou exagerado o temor de uma onda de imigração do Leste recusando dramatizar as consequências da livre circulação no mercado alemão. Também o Partido Liberal acusou o chanceler de «criar medo e pânico» perante o alargamento da União.

Apesar das críticas, Schroder voltou a insistir no assunto numa entrevista publicada no domingo no «Bild am Sonntag», e citou os exemplos de Portugal e Espanha, aos quais também foi aplicado um período de transição.

Presidência sueca define prioridades

A alargamento, emprego e ambiente são as três prioridades da Suécia que assume, a partir de Janeiro e pela primeira vez desde a sua entrada na União Europeia, a presidência semestral da organização.

O primeiro-ministro sueco (social-democrata), Goeran Persson, considerou que a passagem da UE de 15 para 28 estados membros, tal como a continuação do diálogo com a Rússia constituem um «défice histórico» para a União e a «prioridade» da presidência sueca.

Os meios políticos e económicos consideram que o

alargamento aos 13 países candidatos da Europa central e de leste abrirá à Suécia novos mercados e permitirá, com a entrada dos três países bálticos (Letónia, Lituânia e Estónia), fazer da região uma das mais dinâmicas da Europa.

No que respeita ao emprego, tema do Conselho Europeu extraordinário de Estocolmo (23 e 24 de Março), a Suécia aponta o caminho de regresso ao pleno emprego através da inovação tecnológica e da formação, na mesma linha dos objectivos fixados pela Cimeira de Lisboa, visando

criar uma economia mais dinâmica e mais concorrencial no mundo.

A Suécia considera que o desenvolvimento do emprego passa pela promoção de um crescimento duradouro, nomeadamente graças às novas tecnologias de informação, um domínio que lidera na Europa e no mundo.

O Conselho Europeu de Gotemburgo (15 e 16 de Junho) deverá discutir as linhas directoras de uma estratégia de crescimento integrando os aspectos ambientais, económicos e sociais baseadas num projecto apresentado pela Comissão.

Novo horário nos transportes

O Conselho dos Ministros dos Transportes dos Quinze chegou a acordo na passada semana sobre a redução do tempo de trabalho no sector do transporte rodoviário.

O novo máximo é agora de 48 horas por semana, embora se admitam horários que vão até às 60 horas, na condição de as 48 horas semanais serem respeitadas por um período de quatro meses.

O acordo foi obtido por maioria qualificada e teve os votos contra de Portugal, Irlanda e Reino Unido, países em que durante um período de dois anos, não se vai aplicar aos transportadores rodoviários independentes.

UE ajuda Guiné-Bissau

A União Europeia concedeu uma ajuda à Guiné-Bissau no valor de 780 mil contos para financiar a educação e a saúde. Esta verba constitui a primeira parcela dos 5,1 milhões de contos prometidos àquele país, e servirá para «pagar os salários atrasados e os prémios a todo o pessoal docente», segundo disse o ministro da Educação, João José Silva Monteiro.

O sindicato dos professores, que estimou em 300 mil contos os salários atrasados e prémios dos professores desde Junho de 1998, bloqueou o arranque do ano escolar, que deveria efectuar-se a partir de Outubro. A construção de laboratórios nas escolas, o recrutamento de professores e a concessão de bolsas a estudantes no estrangeiro serão igualmente financiados através deste apoio.

Japão receia BSE

O governo japonês proibiu na segunda-feira a importação de carne de vaca e produtos derivados com origem na União Europeia para prevenir o alastramento da doença das «vacas loucas» no arquipélago.

A medida, que afecta os 15 países da UE, Suíça e Liechtenstein, entra em vigor já no início do próximo ano, não se prevendo no entanto que tenha grande influência nas exportações europeias uma vez que os Estados Unidos e Austrália são os principais fornecedores de carne do Japão (cerca de 95 por cento). O executivo japonês já tinha anunciado em 13 de Dezembro a interdição total das importações das farinhas de carne, consideradas como a principal causa da doença.

Intervenções das organizações regionais

Depois das intervenções centrais e sectoriais, iniciamos neste número a publicação das intervenções efectuadas pelas organizações regionais do PCP, no XVI Congresso.

Na próxima edição, para além de concluirmos este trabalho, publicaremos ainda entrevistas com delegações estrangeiras.

DOR Castelo Branco

Dar resposta aos problemas

O XVI congresso do PCP é um acontecimento marcante da vida política portuguesa. É que o nosso congresso, assumindo-se, como espaço de debate, de reflexão e de perspectivação da acção dos comunistas para os próximos tempos é, também, um espaço de esperança para milhões de portuguesas e portugueses que esperam que este Partido, com a sua natureza, a sua identidade, os seus ideais e o seu projecto, seja ainda mais forte, mais capaz e mais determinado na luta contra a política de direita e pela construção de uma alternativa de esquerda para Portugal. Os comunistas do distrito de Castelo Branco, através dos seus delegados e do voto destes, querem contribuir para que as conclusões deste Congresso sejam o reflexo do debate havido no colectivo partidário onde, sem preconceitos, se apuraram e discutiram as nossas debilidades, as nossas insuficiências e as nossas indecisões e omissões mas onde, sem tibiezas, também se equacionaram as nossas virtualidades, os nossos êxitos e as nossas potencialidades.

Não escondemos que muito é preciso mudar, que há estilos e métodos de trabalho anquilosados, ultrapassados e paralisantes que mantêm recuos na organização, insuficiências no recrutamento e quebra na militância. Não escondemos que a nossa linguagem nem sempre é clara, directa e perceptível para a grande massa que nos ouve, nos escuta e nos quer perceber e não escamoteamos que somos mais rápidos a analisar e a decidir que a executar.

Tudo isto é verdade. Mas o debate travado mostrou que os comunistas de Castelo Branco não aceitam que a pretexto das dificuldades

e insuficiências se procure às claras, ou às escuras, por em causa o passado, o presente e o futuro deste Partido que não vergou, não verga e não vergará.

Camaradas delegados e convidados,

Para os comunistas de Castelo Branco não foi indiferente a campanha infame desenvolvida contra o nosso Partido.

Esta campanha, desenvolvida como foi em torno de falsas questões, procurou desde a primeira hora desviar a atenção dos comunistas daquilo que era realmente importante debater e dos graves problemas reais com que se confronta a sociedade portuguesa e que atingem os trabalhadores de forma violenta em resultado da miserável política económica, social, cultural e ambiental que o PS vem levando à prática e que está a atacar violentamente os direitos e o nível de vida dos trabalhadores, a debilitar o regime democrático, a levar a economia do País para uma situação caótica, a condenar o interior à desertificação e a provocar a acentuação das assimetrias regionais.

É bom que se saiba que esta campanha criou problemas e prejuízos ao nosso partido e à luta dos trabalhadores que estão habituados a ver-nos como uma referência de unidade, de coerência, de coragem, de disciplina e de determinação que lhes dá ânimo e confiança para a luta que travam diariamente. Mas, apesar de tudo, a campanha não passou. A luta que desenvolvemos a todos os níveis não parou e a direita e os que executam a política de direita continuaram e continuarão a ter que enfrentar este partido que, ao mesmo tempo que é de protesto e de luta é

partido de projecto, de proposta e de construção.

É que nós não alinhámos na mentira, nem alimentamos a gula daqueles que, incapazes de entender o que é ser comunista hoje, tudo fazem para por em causa um passado heróico de luta pela liberdade e pela democracia e para denegrir o trabalho, o empenho, a dedicação e a coragem de muitos e muitos militantes, simpatizantes e amigos que, na adversidade do meio resistem e lutam pela afirmação, crescimento e consolidação do nosso Partido.

Nós sabemos bem que tipo de partido queremos.

Queremos um partido melhor, mais eficaz e cada vez mais democrático no seu funcionamento interno e mais forte, mais coeso e mais firme na afirmação da sua ideologia marxista-leninista.

Queremos um partido que, sem obreirismos que não se justificam, seja partido da classe operária e de todos os trabalhadores capaz de atrair cada vez mais a juventude e que com todos eles lute pela transformação da sociedade.

Queremos um partido que tenha uma única orientação e uma única direcção, que seja fraterno, dinâmico e respeitador das diferenças no debate mas que seja firme na exigência no cumprimento das decisões aprovadas.

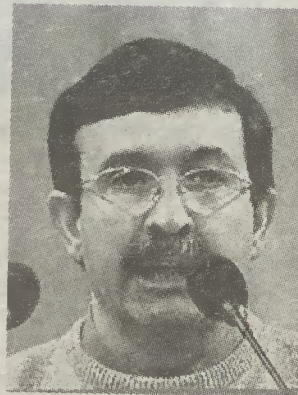
Só com um partido assim a unidade será verdadeira e só assim a acção e a luta dos comunistas pode ser um elemento impulsor da alternativa de esquerda que queremos construir. Queremos que todos, no respeito pelas decisões e pelas nossas regras de funcionamento cá estejam, cá lutem e cá se realizem como seres humanos que decidiram dar aos outros alguma coisa de si.

É a este tipo de partido que se chama partido marxista-leninista? Então os comunistas de Castelo Branco querem que o PCP seja e continue a ser um partido marxista-leninista.

Só com um partido comunista assim seremos respeitados e estaremos em condições de continuar e intensificar a luta contra uma política liberal que oprime os direitos

económicos, sociais e culturais do nosso povo e lança Portugal no atraso e no subdesenvolvimento.

A classe operária, os trabalhadores e o povo português em geral que conosco lutam e em nós acreditam esperam e anseiam por um partido comunista que, fiel aos seus princípios, dê resposta criativa aos novos e velhos problemas com que se debatem, porque, tal como alguém dizia, para PS já nos basta o que existe.



Luís Pereira Garra
Membro do Executivo da DORCB e do Comité Central

DOR Litoral Alentejano

Uma cultura revolucionária

A DORLA, Direcção da Organização do Litoral Alentejano, é o organismo de direcção de uma nova estrutura regional do Partido, compreendendo os concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém e Sines inseridos do ponto de vista administrativo no distrito de Setúbal, e de Odemira do distrito de Beja, formando com os 3 distritos do Alentejo um corpo activo numa região de características culturais, sociais e estruturais comuns.

De acordo com as orientações aprovadas no XV Congresso e reafirmadas nas teses para o XVI Congresso, o Partido deve procurar encontrar as soluções orgânicas que melhor possam corresponder às necessidades das organizações que intervêm num determinado espaço regional. Foi a solução encontrada para o Litoral Alentejano numa perspectiva de reforço e aumento da nossa intervenção. E, com alguns resultados positivos destas medidas, podemos hoje informar o Congresso e todo o colectivo partidário, que valeu o esforço a que não é alheia toda uma experiência adquirida com os hábitos e cultura revolucionária que nos foi transmitida pela nossa participação na ORS e ORB grandes destacamentos do Partido, profundamente ligado às massas.

A ORLA conta hoje com 4880 membros distribuídos pelos 5 concelhos, com 54 organismos de direcção, assegurando ainda que com níveis de intervenção diferentes, um grande conhecimento da região, uma profunda e sempre renovada ligação aos trabalhadores e à população sendo de longe o Partido com maior influência, implantação e prestígio no Litoral Alentejano. Naturalmente não são alheios as características, objectivos, natureza de classe, identidade e funcionamento do Partido que somos. A atestar o que afirmamos, de prestígio e capacidade de atracção, é o recrutamento de 20 novos camaradas só neste período de discussão do Congresso; é um número significativo numa região, onde uma política deliberada de constrangimentos estruturais leva

à permanente e sistemática perda de população e onde o PCP continua a gozar de simpatia e reconhecimento.

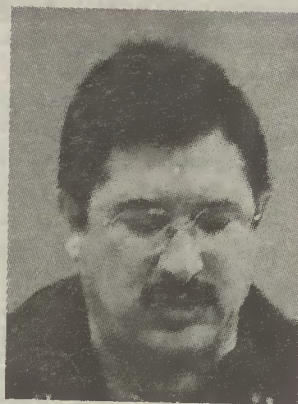
Somos, como já foi dito, uma organização jovem e com dificuldades financeiras. Procuramos atingir o equilíbrio financeiro entre despesas e receitas, sendo que as nossas principais receitas são provenientes das contribuições dos eleitos, da quotização e das iniciativas, sendo de destacar as Campanhas Nacionais de Fundos, assim como a nossa Festa do «Avante!». A difusão e venda do «Avante!» é uma preocupação permanente na organização, tendo sido aumentada a sua distribuição na região.

O Partido não fechou para Congresso. No Litoral Alentejano cumpriu e certamente continuará a cumprir o seu papel dinamizador da luta de massas, da acção concreta dos trabalhadores e das populações como elemento imprescindível de transformação social. E aqui cabe com natural destaque a luta dos trabalhadores da Petrogal contra o desmembramento da Empresa e a sua total entrega ao capital privado, a luta por melhores salários e trabalho com direitos, de que a recente jornada de luta do dia 4 deste mês é uma valiosa expressão, a luta dos pescadores de Sines por melhores condições para o exercício da sua actividade, de atracagem e pela aplicação do seu regime jurídico laboral, a luta das populações do Litoral Alentejano por um hospital moderno em Santiago do Cacém e com valências que sirvam a região, nomeadamente com a maternidade. A luta nas aldeias de concelhos como Alcácer, Grândola ou Odemira contra a desertificação, defesa do mundo rural e naturalmente por uma nova Reforma Agrária, na resolução do problema da posse e uso da terra, problema estrutural do Alentejo e em condições de assegurar o seu futuro. Entregar a terra a quem a trabalhe é a condição determinante para assegurar o seu desenvolvimento. A luta do Poder Local democrático por mais transferências de competências com os respectivos

meios financeiros para a persecução de uma política ao serviço das populações, assegurando melhor qualidade de vida também atenuador dos graves problemas do Litoral Alentejano.

A tudo isto, à resposta incessante aos problemas, à procura de um envolvimento dos principais agentes da transformação - os trabalhadores e a população da região - à dinamização das suas lutas, protestos e reivindicações, está o papel indispensável do PCP, um Partido que se guia por princípios e vai à raiz dos problemas, para melhor combater as suas causas.

A discussão das teses para o nosso XVI Congresso num universo de mais de 60 reuniões de organismos e assembleias plenárias, que confirmaram o grande Partido que somos, cuja leitura das actas reafirmam uma grande concordância na generalidade com as teses, reafirmaram com grande firmeza, a natureza de classe do Partido



José Catalino
Membro do Executivo da DORLA e do Comité Central

como partido da classe operária e de todos os trabalhadores, Partido cuja identidade comunista marxista-leninista, deve continuar a ter no seu funcionamento a garantia da sua força e coesão, baseada na capacidade de resistência e de luta pela construção de uma nova sociedade; e ao mesmo tempo, a reafirmação da vitalidade e actualidade do nosso programa e dos nossos estatutos.

Houve quem de forma deliberada, e numa estranha aliança com a comunicação social dominante, comunicação com peso na formação da consciência, pretendesse prejudicar os trabalhos de preparação do Congresso. A essa estranha aliança a organização do Partido respondeu com um grande debate comunista, discutindo o que é essencial discutir e fê-lo com grande firmeza de princípios ideológicos, com vivacidade e serenidade. Este Congresso é o resultado desta resposta necessária da organização do Partido.

DOR Santarém

Rejuvenescer a organização

Quatro anos passados sobre o XV Congresso poucas foram as melhorias para as populações do distrito de Santarém na sequência da política de direita do governo PS. São exemplos disso as sucessivas crises que tem afectado a agricultura ribatejana, onde se produz de quase tudo e onde seria possível produzir ainda mais e melhor se recursos naturais como os vales do Tejo e

Sorraia fossem aproveitados, e se fosse implementada uma verdadeira política agrícola, que tivesse em conta a realidade e necessidade regional e nacional.

Contudo, a política de direita do PS, tem também consequências no que respeita ao aparelho produtivo, num distrito com enormes potencialidades para o desenvolvimento industrial e que poderia contribuir para o

passa pela criação de uma base económica diversificada e que salvaguarde e valorize o excepcional património natural e histórico de que dispõe. Plano esse que inclui – e apenas para referir aspectos fundamentais – uma nova reforma agrária que liquide a propriedade latifundiária e assegure uma reestruturação fundiária com a democratização do acesso à terra; a concretização do empreendimento de Alqueva nas suas diferentes valias articulando-o com o Plano de Rega do Alentejo; a potenciação do complexo industrial e portuário de Sines; a utilização para fins civis da Base Aérea de Beja; a reactivação das Minas de Aljustrel e o aproveitamento das minas de Neves-Corvo.

Uma breve referência à actividade do Partido no distrito de Beja e à forma como ali decorreu a preparação do nosso Congresso.

No quadro das decisões do Comité Central de Fevereiro de 1998, em especial no que diz respeito à necessidade de melhorar e reforçar a organização, bem como de dar um novo impulso na intervenção e afirmação do Partido, no distrito de Beja realizaram-se 52 assembleias

de organização e elegeram-se os respectivos organismos de direcção, foram recrutados novos militantes procurando-se travar a tendência para o envelhecimento e a diminuição de efectivos, aumentou-se a distribuição do «Avante!», foram atribuídas responsabilidades de organizações a mais quadros, apoiou-se o trabalho da JCP, adoptaram-se medidas para intervir de forma organizada em áreas e sectores sociais diversos. Este esforço, que prossegue, tem encontrado dificuldades, nomeadamente na fuga à assunção de responsabilidades por muitos quadros, por exemplo quando se trata de eleger coordenadores nas comissões de freguesia.

Na preparação deste 16.º Congresso, as Teses – documento que, pela sua extensão muitos camaradas não puderam ler integralmente mas que foi apresentado nas suas linhas gerais nas diferentes reuniões realizadas – mereceram concordância geral dos militantes do distrito de Beja, ainda que o debate das



António João Zacarias
Membro do Executivo da DORBE

questões essenciais tenha sido condicionado em parte pela campanha feroz que alguma comunicação social moveu contra o Partido.

Neste âmbito da preparação do Congresso, realizaram-se nos últimos dois meses, no distrito de Beja, 36 assembleias de militantes para debate das Teses e eleição de delegados, envolvendo 650 membros do Partido, além de 23 reuniões de preparação, em que participaram 227 militantes.

A par destas tarefas, o PCP também no distrito de Beja não fechou para Congresso e manteve activa intervenção na sociedade, ao mesmo tempo que participa nas acções de esclarecimento do candidato António Abreu, no quadro das eleições presidenciais de Janeiro de 2001, e prossegue a preparação das eleições autárquicas do próximo ano em que os objectivos são ganhar a maioria das câmaras e freguesias – tal como vem acontecendo desde que foi implantado o Poder Local democrático.

Os comunistas portugueses têm uma longa experiência de luta pela concretização dos seus nobres ideais, seja nas décadas de resistência heróica à ditadura fascista,

seja ao longo dos últimos 26 anos, na construção e consolidação da democracia.

No Alentejo, no combate pelo pão e pela liberdade, no combate pelo desenvolvimento, o PCP tem sido a voz da classe operária e de todos os trabalhadores, a voz dos alentejanos em todas as causas justas, o porta-bandeira do futuro.

Depois deste XVI Congresso, vamos prosseguir, nos tempos novos que vivemos, a luta pela realização do ideal comunista, mais actual e necessário do que nunca.

Unidos em torno do Programa e dos Estatutos do Partido, e do Comité Central que aqui elegermos, munidos de um projecto de democracia e socialismo para o século XXI que debatemos amplamente e que aqui vamos aprovar, os comunistas vão continuar a lutar por um Portugal mais democrático e desenvolvido, por uma sociedade mais justa e fraterna, livre da exploração do homem pelo homem.

DOR Évora

Por uma nova reforma agrária

Em nome dos comunistas do distrito de Évora, saúdo calorosamente os delegados e convidados ao XVI Congresso do nosso glorioso Partido – Partido Comunista Português.

Apesar da intensa campanha desenvolvida nos últimos meses, contra o nosso Partido, por uma certa comunicação social, procurando influenciar, confundir, manipular, perturbar e dividir, a organização do Partido no distrito respondeu com serenidade participando activamente, na preparação do Congresso, discutindo o Projecto de Teses, avaliando a situação social e os problemas locais na procura das soluções mais adequadas para o reforço da intervenção do Partido.

Neste período realizaram-se 108 reuniões, plenários e assembleias electivas, com a participação de 1.669 camaradas.

No debate realizado, não sonhando dificuldades e insuficiências no funcionamento e intervenção do Partido, confirmou-se um grande consenso e apoio ao projecto de teses e também foi afirmado da necessidade do aprofundamento da democracia interna do Partido, sendo repudiados as acções e comportamentos que ponham em causa as regras e normas de funcionamento do Partido.

Passados 5 anos de Governo PS, é tempo de lembrar quantas foram as suas promessas eleitorais para o desenvolvimento do distrito, era a proximidade económica e social das regiões mais desenvolvidas do País e da União Europeia; a criação de mais

empregos, mais apoio social para as populações mais desfavorecidas. São e foram as promessas todos os anos em período de apresentação do Orçamento de Estado.

Resultado da luta dos comunistas, dos trabalhadores e das populações, o Governo foi obrigado a fazer alguns investimentos no distrito. Não o suficiente para proporcionar desenvolvimento, que travasse a desertificação e a criação de emprego. Na realidade após cinco anos, o distrito e a região, encontram-se mais distantes em todos os indicadores, económicos e sociais, das outras regiões do País e da Comunidade Europeia.

É um facto que o distrito e o Alentejo continuam discriminados pelas políticas do Governo do PS. Agravam-se a situação nos sectores da saúde e do ensino. As condições de vida dos reformados e pensionistas degrada-se. A construção de importantes vias rodoviárias, ferroviárias e outros projectos de grande interesse para a região são adiados ou procura-se responsabilizar o Poder Local.

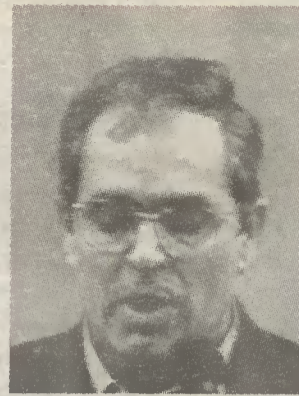
É contra esta política de direita que o Partido no distrito intervém e luta em todas as frentes. Não só criticando mas fazendo propostas concretas, com o objectivo de contribuir para uma política de esquerda, no quadro de uma avaliação das profundas alterações sociais que entretanto se têm produzido na região.

No plano da luta institucional actuamos de uma forma coordenada com o deputado eleito pelo distrito, para que os problemas e

propostas tenham voz na Assembleia da República. Actuamos e intervimos no Movimento Sindical, na mobilização dos trabalhadores para a luta na defesa do emprego com direitos. Actuamos e intervimos junto dos agricultores e seareiros na defesa da lavoura familiar, no reforço das suas estruturas e em particular da CNA, por uma nova estrutura fundiária, por uma nova reforma agrária.

Actuamos e intervimos no Poder Local democrático, procurando responder aos novos desafios, tendo como principal objectivo criar melhores condições de vida às populações. A situação do distrito exige uma grande afirmação do Partido junto dos diversos sectores sociais e profissionais, factor determinante para contribuir para o reforço das posições da CDU nas próximas eleições autárquicas.

É nesse sentido que estamos empenhados, integrados na Organização Regional do Alentejo, a dar continuidade ao «Novo Impulso» no reforço da organização do Par-



Raimundo Cabral
Membro da DOREV e do Comité Central

tido, de contribuir para uma maior ligação das organizações e dos militantes aos trabalhadores e aos locais de trabalho, por um melhor conhecimento da vida nas empresas, nas escolas, nos concelhos e aldeias, a dar uma maior dinâmica na intervenção política e ideológica, com críticas e propostas sempre fundamentadas no conhecimento das situações e aspirações dos trabalhadores, dos agricultores, dos intelectuais, da juventude e das populações.

Os comunistas do distrito estão conscientes das dificuldades presentes e futuras para a sua acção. Finalmente estão conscientes que só com este Partido, firme nos seus ideais e princípios atento às novas transformações e realidades, aprendendo e fortalecendo-se junto dos trabalhadores e de todas as camadas laboriosas, orgulhoso do seu património histórico, que luta no presente e vai continuar a lutar no futuro por uma sociedade mais justa, mais fraterna, pelo fim da exploração do Homem pelo Homem, pelo Socialismo.

DOR Braga

Uma forte presença

Realizámos no distrito, no decorrer da preparação do Congresso, 17 reuniões e plenários e 7 assembleias eleitorais nas quais foram eleitos os 28 delegados da OR de Braga.

Na discussão do Projecto de Resolução Política as questões mais abordadas pelos militantes respeitaram aos capítulos da Situação Internacional e do Partido.

No primeiro, havendo um acordo geral à avaliação feita nas Teses, registaram-se diferenças de opinião e insatisfações por continuar por fazer o aprofundamento das razões do desaparecimento da URSS e dos regimes socialistas de Leste para dela retirar novos ensinamentos.

No capítulo do Partido verificou-se um consenso muito alargado sobre as apreciações referentes à identidade do Partido. No entanto, foram expressas preocupações quanto ao perigo de cristalização ou dogmatização de alguns conceitos.

Do debate apuraram-se outras preocupações dos militantes relativamente nomeadamente:

- à necessidade de encontrar formas, no funcionamento orgânico, no acesso e circulação da informação que, constituindo «um desenvolvimento criativo do centralismo democrático», reforcem a democracia interna, estimulem a participação de militantes insatisfeitos e tornem o Partido mais atractivo para camaradas mais novas;

- ao decréscimo de influência e aos perigos de perda da própria dimensão nacional do PCP;

- à necessidade de prosseguir os objectivos do Novo Impulso.

Mas os debates realizados ajudaram também a sublinhar:

- os deveres dos membros do Partido;
- a relação entre a melhoria do funcionamento do Partido, a democracia interna e o aumento da participação dos comunistas nos organismos e na actividade do Partido;

- a necessidade de uma maior intervenção política na região, designadamente junto da classe operária e outros assalariados e nas camadas intelectuais, cujo peso e influência crescem no distrito.

Temos a consciência que este debate preparatório podia e devia envolver mais militantes. Que além da situação complexa que se vive, reflectiu deficiências e atrasos da organização na região e entre eles: quebra de militância; o reduzido número de organismos de trabalhadores, comissões de freguesia e

outros organismos de base; debilidades ideológicas e atrasos no trabalho de formação, escassa renovação.

Deficiências e atrasos que não são específicos do distrito pelo que, devendo merecer a maior atenção e a procura incessante de soluções pelos órgãos de Direcção Regional, têm que ser uma prioridade na consideração dos órgãos de Direcção Central.

Se aqui trouxéssemos apenas as nossas insuficiências e atrasos, daríamos um quadro muito incompleto do Partido no distrito.

A verdade é que, apesar delas, é incontestável que os militantes do Partido têm uma intervenção destacada e reconhecida em todas as grandes lutas e importantes vitórias dos trabalhadores – as lutas da Grundig, do sector têxtil do Vale do Ave, a luta vitoriosa pelas 40 horas e muitas outras, a luta das populações, dos agricultores, dos estudantes. E este é um traço marcante da presença e influência do Partido na

região. Que muito nos honra e muitas responsabilidades faz recair sobre os comunistas e o seu Partido para o futuro próximo e mais distante.

A eleição de um deputado comunista para a Assembleia da República, após 8 anos de ausência, foi uma significativa vitória para o Partido no distrito, para os trabalhadores e o povo.

E a realização este ano da 13.ª Festa da Alegria, com um importante apoio central e das OR do Norte e a participação solidária de todas as organizações regionais, justifica, como o faz o Projecto de Resolução Política, o devido destaque.

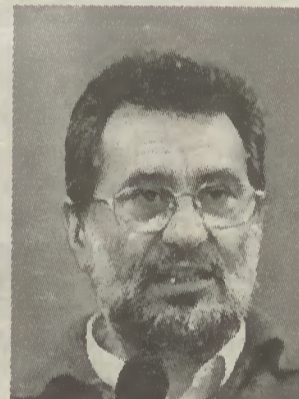
Encaramos o futuro e as batalhas mais próximas com a consciência do grande esforço que temos que fazer, com sentido de responsabilidade e com confiança.

Apesar das dificuldades, estamos empenhados na mobilização dos comunistas e outros democratas para a importante batalha da candidatura de António Abreu às presidenciais de Janeiro.

Preparamo-nos para as eleições autárquicas de 2001 e o nosso pensamento é consolidar os resultados positivos de 97 e reforçar posições em todos os concelhos.

Continuaremos a trabalhar para tornar o Partido mais forte e alargar a sua influência no distrito.

Que o XVI Congresso una todos os comunistas no objectivo de levar em frente as suas orientações.



Jorge Matos
Membro do Comité Central

Negociações do Médio Oriente

Arafat e Barak reúnem-se hoje

Os líderes palestino e israelita vão encontrar-se hoje no Egito, dias depois das negociações de Bolling terem sido suspensas. Em cima da mesa estão as propostas de Bill Clinton.

Depois de cinco dias de negociações na base aérea de Bolling, perto de Washington, as delegações palestina e israelita voltaram a casa para discutir as propostas apresentadas por Bill Clinton. O prazo para dar uma resposta expirava ontem.

Os representantes das delegações assumem publicamente as divergências que os dividem. «Há divergências sobre os refugiados, Jerusalém e as questões de segurança e território», afirmou, no domingo, o chefe da representação palestina, Saeb Erakat.

Entretanto, na noite de anteontem foi anunciada a realização de um encontro entre Yasser Arafat e Ehud Barak hoje, em Charma el-Cheikh, no Egito, sob a

égide do presidente Hosni Mubarak.

No fim-de-semana, Arafat afirmou que «há ainda muitos obstáculos à paz». «Teremos de examinar de

Qualquer acordo será ratificado por referendo pelos palestinos

forma aprofundada as propostas», referiu o líder palestino, lembrando que as ideias que estão em cima da mesa não são diferentes das rejeitadas em

Camp David, em Julho. Segundo a agência Lusa, Arafat informou as autoridades israelitas e norte-americanas que qualquer acordo terá de ser ratificado por referendo pelos palestinos.

Vários grupos islâmicos, nomeadamente o Al Fatah, já rejeitaram as propostas, acrescentando que não aceitarão nenhum acordo que não contemple o regresso

dos refugiados das guerras de 1948 e 1967.

Perigos

No fim-de-semana, o primeiro-ministro israelita alertou para os perigos que ameaçam o Médio Oriente, caso os acordos não sejam assinados. «Se não alcançarmos o acordo, as relações de Israel com a Jordânia e o Egito podem deteriorar-se», declarou Ehud Barak

«Se se adiar a solução do conflito por mais cinco ou dez anos, o Médio Oriente pode transformar-se num lugar mais perigoso, no qual haverá armas não convencionais e onde aumentará o terrorismo e o fundamentalismo», acrescentou.

Entretanto, foi anunciada a construção de uma barreira de protecção na antiga «linha verde» entre Israel e a Cisjordânia. Com um comprimento de mais de 70 quilómetros, esta barreira destina-se a impedir «infiltrações terroristas» e conta com meios electrónicos. O projecto está orçado em cinco milhões de contos.



O regresso dos refugiados das guerras de 1948 e 1967 é uma questão indiscutível para muitos palestinos

As propostas de Clinton

• Jerusalém passa a ser a capital da Palestina e de Israel. A Autoridade Palestiniana fica com o controlo dos bairros árabes, bem como do Monte do Templo, da mesquita Al Aqsa e de outros lugares islâmicos sagrados, tendo no entanto que reconhecer o «acesso judaico» aos locais. Os bairros judeus, o Muro das Lamentações e a maior parte do Bairro Arménio ficam sob soberania israelita. O resto da cidade velha é declarado como «cidade aberta», sem controlos fronteiriços;

• Só é permitida a entrada dos refugiados palestinos

que provem ter família em Israel, o que deve rondar as 70 mil pessoas. Este número é muito reduzido, se comparado com os 3,7 milhões de refugiados da guerra de 1948 (contando com os descendentes) que permanecem fora dos territórios;

• Israel retira-se de 95 por cento da Cisjordânia e de toda a Faixa de Gaza ocupada na Guerra dos Seis Dias. Os palestinos ficam com 95 por cento do território da margem ocidental. Os israelitas anexam 80 por cento dos colonatos da margem ociden-

tal, que terão «continuidade territorial» com o Estado de Israel. Os outros 20 por cento são evacuados;

• São enviadas forças internacionais para os territórios da Cisjordânia e Gaza, uma antiga reivindicação dos palestinos. Israel sempre recusou esta ideia. Na semana passada, conseguiu abortar uma iniciativa similar no Conselho de Segurança da ONU;

• O acordo é implementado durante um período de nove anos.

A história de um escândalo

• Manuel Beja

Lukombo Lombesi, originário do norte de Angola, foge da guerra no seu país, primeiro para o Congo, depois para a Europa. Na Áustria e Bélgica, pede asilo, como congolês. Mais tarde na Suíça, apresenta-se sob o seu verdadeiro nome, em Abril de 1998, com um pedido de asilo. Após repetidas detenções no bairro da Langstrasse em Zurique é proibido de frequentar os grandes armazéns e diversos outros locais e o seu requerimento de asilo é rejeitado em Agosto do mesmo ano. Foi colocado sob detenção de extradição.

A 2 de Junho de 1999, aparece num programa de televisão. Ele conta como foi maltratado por polícias de Zurique, durante a tentativa de extradição para o Kinshasa.



Conta como os passageiros o libertaram durante uma escala em Yaoundé, na República dos Camarões, possibilitando-lhe assim o regresso à Suíça. Durante duas semanas e meia a polícia cantonal manteve silêncio sobre o ocorrido. Quando se torna evidente que o caso será levado a público, o porta-voz da polícia envia um comunicado à imprensa; Lombesi tinha agitado os passageiros contra a polícia, para evitar a extradição. Mais tarde, o mesmo porta-voz «desvia» de uma acta confidencial uma fotografia de Lombesi, e fá-la chegar às mãos da redacção de um jornal. No dia seguinte a sua fotografia é publicada noutros órgãos de comunicação, como pessoa procurada pela polícia. Depois da imprensa, também a Justiça se ocupa do caso. No dia 14 de Junho a polícia cantonal apresenta queixa contra Lombesi. Motivo: violência e ameaças contra funcionários. Três dias mais tarde dão entrada no Ministério Público as queixas de «augenau», organização não governamental, que se pode designar como «olho vivo», contra Rita Fuhrer, chefe da

polícia, recente candidata ao cargo de Conselheira Federal, e contra funcionários anónimos da polícia. Motivos da queixa no caso Lombesi: ameaça de vida e lesão corporal.

Três processos, uma história

Como a detenção de extradição chega ao seu termo a 12 de Maio de 1999, a polícia cantonal ordena uma extradição imediata. Na manhã do dia 9 de Maio de 1999, Lombesi é acorrentado, amordaçado e metido num avião. Recendo que se repita o caso mortal de Khaled Abuzarifa (outro caso de extradição que acabou em tragédia), os polícias tentam possibilitar a respiração pela boca, por meio de um tubo. Mas como durante o voo o tubo se enche de saliva, o adesivo é-lhe retirado. Lombesi porém não se cala. Por isso amordaçam-no de novo com o adesivo. Desta vez sem tubo.

Durante a escala em Yaoundé, um dos passageiros levanta a cortina. Gera-se um tumulto no avião. Passageiros insultam a equipagem da Swissair, chamando-lhes racistas. Malas voam pelo ar. O Comandante, de megafone, dá ordem de desacomodar imediatamente Lombesi. Na rixa que se segue, uma cabeçada parte o nariz a um polícia. O seu colega afirma ter recebido um murro na cara. Dois dias após o seu regresso a Zurique, o angolano é posto em liberdade. Não tem papéis, e deve apresentar-se semanalmente na Polícia de Estrangeiros. Por ocasião de um controlo, no dia 23 de Junho, é detido.

Devido ao processo em curso – os polícias declararam terem sido agredidos por Lombesi –, ele é colocado sob prisão preventiva. Quatro meses mais tarde pode abandonar a prisão.

De seguida é apresentada uma outra queixa contra a vítima, desta vez pelo advogado da comarca de Bülach, solicitando 6 meses de prisão. Lombesi é colocado uma vez mais na prisão. Após diversos pequenos delitos, é de novo apanhado pela polícia e no dia 7 de Abril 2000 é, uma vez mais, a prisão preventiva. No dia 1 de Setembro 2000, sem aguardar os resultados do exame médico, que atestam imputabilidade gravemente reduzida, a acusação pede 18 meses de prisão para Lombesi. No dia 6 de Dezembro, dia da eleição do novo Conselheiro Federal, Rita Fuhrer, a senhora chefe da polícia e também candidata, o processo é reaberto. Rita não é eleita e vai continuar na polícia, Lombesi risca mais uns meses de prisão e de novo a extradição para o Congo. Esta é, pois, a vida de um «sans-papier», clandestino, fugido da guerra em Angola, um maltratado, em risco de estragar a carreira política da «bella donna» da política conservadora suíça.

Megapetição contra pena de morte

Opositores da pena de morte organizaram uma megapetição, entregue em mão ao Secretário das Nações Unidas, Kofi Annan, na cidade de Nova Iorque, na semana passada, com o objectivo de impulsionar o retardamento de execuções de condenados à pena capital pelo mundo fora, segundo noticiou a BBC News.

Apesar de muitos governos terem abolido a pena capital dos respectivos ordenamentos jurídicos, as execuções continuam a ser uma prática legal em cerca de 90 países.

Os signatários da petição, organizada pela Comunidade de Santo Egídio, sediada em Roma, advogam que a pena de morte representa uma negação do direito universal à vida.

Situação de alerta no Afeganistão

A associação «Médicos Sem Fronteiras» (MSF) divulgou na passada semana um comunicado, em Berlim, que alerta para a deterioração da situação humanitária no Afeganistão, que será resultado das novas sanções impostas pelas Nações Unidas. De acordo com a organização, a ONU retirou o seu pessoal do país e todos os projectos importantes da organização foram cancelados, o que deverá agravar a já precária situação alimentar.

Segundo a MSF, «na província Oeste de Herat bem como nas províncias vizinhas, a situação deteriora-se dia a dia». O organização estima em mais de 55 mil as pessoas chegadas a Herat, desde Junho. As populações estão a fugir aos combates que ininterruptamente se travam noutras regiões.

Natal sangrento na Indonésia

Os líderes muçulmanos e cristãos da Indonésia protestaram esta semana contra a sucessão de atentados ocorridos na véspera de Natal, que provocaram 14 mortos e pelo menos 47 feridos. Os atentados à bomba, que ocorreram em simultâneo em sete cidades

Responsável moral por 57 homicídios e 18 sequestros cometidos pela «Caravana da Morte»

Juiz chileno acusa Pinochet

O ex-ditador foi colocado por três dias em regime de residência fixa, para um interrogatório, que deve terminar hoje, e vai ser submetido a novos exames médicos.

O juiz Juan Guzmán não quis perder tempo com a sentença proferida pelo Supremo Tribunal chileno e declarou o ex-ditador Augusto Pinochet responsável moral dos 57 homicídios e 18 sequestros cometidos pela «Caravana da Morte». O interrogatório, que teve a duração de dois dias, iniciou-se ontem e acaba hoje, e, para levá-lo a cabo, o magistrado deu um prazo de três dias a Pinochet para fixar o seu domicílio.

Guzmán resolveu também fazer a realização de novos exames mentais e neurológicos a Pinochet no dia 22 de Janeiro. O espaço de tempo entre o interrogatório e as provas médicas podem permitir ao juiz voltar a processar o ex-ditador.

Pinochet apresentou-se no Hospital Militar na passada segunda-feira pela segunda vez no prazo de uma semana, onde permaneceu durante

uma hora e meia. Pinochet saiu caminhando, subiu para o seu Mercedes-Benz blindado e partiu em direcção à sua casa em Santiago, no luxuoso bairro de La Dehesa. Perante a situação, os advogados de acusação qualificaram a situação de «fraude jurídica» e resolveram solicitar ao magistrado que os exames efectuados ao antigo ditador não se fizessem no Hospital Militar, mas sim em outro centro médico.

As rápidas deliberações do magistrado deixaram quase sem espaço de manobra o general, de 85 anos. A equipa jurídica de Pinochet anunciou ter pedido ao juiz Guzmán que se fizessem os exames médicos ao ex-ditador na passada terça-feira, antes de qualquer interrogatório. O coordenador dos seus assessores, o general aposentado Guillermo Garín, assegurou que Pinochet não se encontra em condições de enfrentar

um interrogatório nem de preparar as suas respostas perante o tribunal.

Apesar das decisões de Guzmán, ainda se está por decidir se o juiz irá conseguir interrogar Pinochet, que, pela sua condição de general e ex-comandante chefe do Exército, tem direito a que a diligência se efectue em sua casa, ou em outro lugar, sem ter que ir a tribunal.

Os advogados de acusação temem que uma oportuna «doença» o leve de novo ao Hospital Militar, adiando o interrogatório. Este será o último passo no processo para o juiz declarar novamente Pinochet réu, acusado de ser autor moral dos homicídios e sequestros da «Caravana da Morte».

Militares interrogados

As Forças Armadas chilenas deverão responder perante o presidente do país, Ricardo Lagos, no dia 6 de Janeiro, pelo desaparecimento de 1006 pessoas durante a ditadura militar encabeçada pelo general Augusto Pinochet entre 1973 e 1990.

A informação foi avançada esta semana pelo jornal chileno «La Tercera», que publicou um documento da Mesa de Diálogo que estabelece uma base para a compilação de dados para encontrar o paradeiro dos detidos, depois desaparecidos.

Em Junho, os Carabineiros e as Forças Armadas comprometeram-se a reunir informação sobre o destino destas vítimas da ditadura e a entregá-las à Mesa de Diálogo, plataforma que reúne militares e advogados especialistas em direitos humanos. Quem investiga os processos está protegido pelo segredo profissional, que garante a protecção da identidade das fontes.

O general que lidera as forças policiais do Chile, Manuel Ugarte, revelou esta semana que toda a informação reunida por este organismo têm como intuito encontrar os desaparecidos durante a ditadura de Pinochet. «Pessoalmente, acredito que temos feito todos os esforços possíveis da nossa parte para tratar de reconstruir o passado e fazer um esforço para solucionar este problema que inquieta toda a sociedade chilena», afirmou.

indonésias, foram efectuados por um grupo terrorista organizado, de acordo com o presidente Abdurrahman Wahid. «Os autores estavam bem organizados e estão acostumados a cooperar entre si. Creio que o objectivo é produzir pânico e medo para paralisar o Governo», sublinhou o presidente indonésio.

Até ao momento nenhum grupo ou movimento reivindicou as acções terroristas.

Imigrantes protestam em Paris

A polícia francesa evacuou esta semana um grupo de imigrantes clandestinos que ocupavam a Nunciatura Apostólica (Embaixada do Vaticano) em Paris, na esperança de regularizar a situação ilegal em que se encontram.

Os manifestantes entraram no pátio da embaixada e exigiram ser recebidos no Ministério do Interior para expor os seus problemas e obterem a «reabertura das negociações interrompidas a 27 de Outubro», explicou Makan Tounkara, porta-voz do grupo de clandestinos.

Zapatistas satisfeitos com a retirada do exército

A retirada de trezentos soldados, na passada semana, de um quartel situado na zona de influência zapatista, no Estado mexicano de Chiapas constituiu «um primeiro passo para o recomeço do diálogo», afirmou o líder do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), Comandante Marcos. Em comunicado distribuído pelo EZLN, o dirigente rebelde afirmou que «a retirada de sexta-feira de uma das sete bases do exército, exigida pelos rebeldes, é um bom sinal e um importante passo para o início do diálogo. Restam outras seis posições, a libertação dos prisioneiros e o reconhecimento oficial dos direitos e das culturas dos índios para restabelecer as negociações de paz com o governo». «Se essas três exigências forem satisfeitas, o EZLN responderá de forma séria à vontade do diálogo demonstrado pelo presidente Vicente Fox», concluiu.

Partido de Kostunica vence na Sérvia

A Oposição Democrática Sérvia (DOS), do presidente Vojislav Kostunica, consolidou o seu poder nas eleições legislativas antecipadas, que tiveram lugar no sábado.

Quando estava contabilizados 92 por cento dos votos, a

coligação tinha garantidos 176 dos 250 lugares no parlamento, enquanto o Partido Socialista (SPS, de Slobodan Milosevic) ficou com 37. O Partido Radical elegeu 23 deputados e o Partido da Unidade Sérvia 14. A participa-

ção eleitoral foi de 59 por cento.

O DOS promete «terminar o trabalho» começado em Setembro. «Nos dias que se vão seguir teremos um Governo com possibilidade de criar instituições democráticas e

também uma economia de mercado orientada para os temas sociais», afirmou Kostunica.

O Partido Socialista condenou a ingerência estrangeira durante as eleições. Segundo a agência Tanjug, citada pela Lusa, responsáveis deste partido contactaram observadores de «numerosos países», que fiscalizaram o escrutínio e «exprimiram a sua séria preocupação pela violação fundamental das condições e das regras para eleições livres e democráticas».

«Antes do mais, esta preocupação foi expressa a propósito da ingerência estrangeira maciça e aberta, constituída por um apoio financeiro, organizado e de propaganda a favor da coligação no poder», lê-se num comunicado do SPS.

O SPS afirma ainda ter sido submetido a «pressões públicas e ameaças» contra a sua direcção e os seus eleitores, «bem como a uma propaganda agressiva do regime no poder».



O Partido Socialista denunciou ter sido alvo de pressões e ameaças

Presos turcos continuam greve da fome

Cerca de 350 prisioneiros turcos prosseguem uma greve de fome de duração ilimitada e mais de 1650 reclusos mantêm o jejum em sinal de solidariedade, num protesto contra uma reforma prisional que prevê a transferência dos

reclusos para novas prisões de alta segurança.

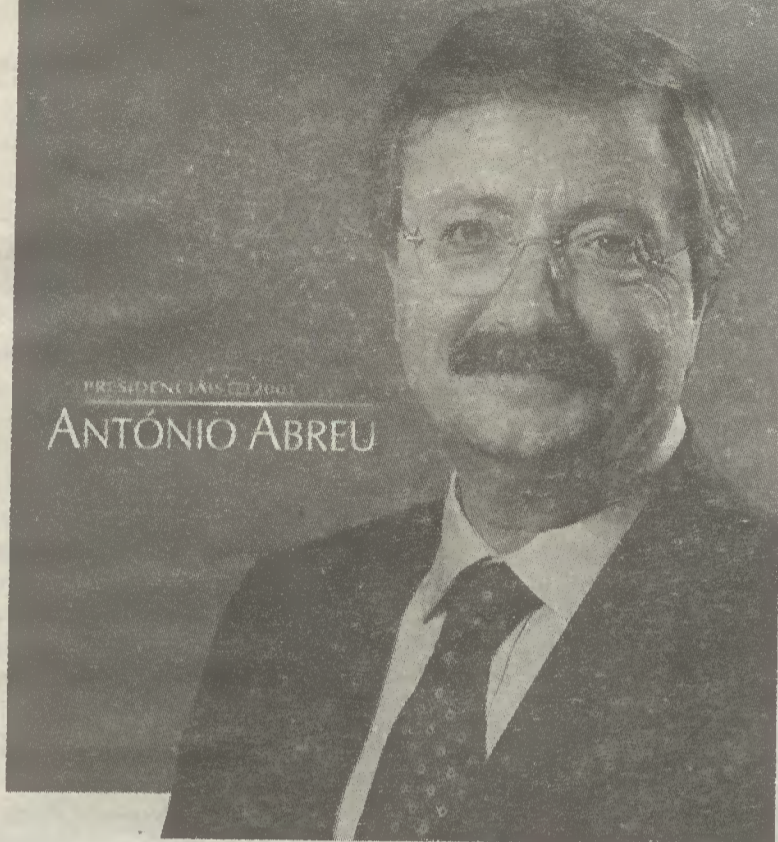
Os presos e as organizações de defesa dos direitos humanos alegam que a nova situação aumentará o seu isolamento e a sujeição às arbitrariedades dos guardas prisionais.

«O número total de prisioneiros que continuam as manifestações de protesto nas prisões é de 2018», afirmou esta semana o ministro da Justiça turco, Hikmet Sami Turk.

Desde 19 de Dezembro, as

forças policiais levaram a cabo operações contra os detidos em vinte prisões, tentando pôr fim a uma greve de fome encetada há dois meses por prisioneiros. Segundo as autoridades, dos assaltos resultaram 28 mortos.

VALORES DE ESQUERDA PARA A MUDANÇA



PRESIDENCIAIS 2001
ANTÓNIO ABREU

PRESIDENCIAIS ■ 2001

ANTÓNIO ABREU

Iniciativas com o Candidato do PCP

Hoje, quinta-feira, 28

António Abreu estará no distrito de Setúbal, num dia dedicado às questões da **Pobreza e Exclusão Social**:

– 09h30 - em Montijo, visita o Hospital

– 11h00 - em Alcochete, visita a Fundação de João

Gonçalves Júnior

– 11h45 - visita aos Bombeiros Voluntários de Águas de Moura

– 12h30 - em Alhos Vedros/Moita, visita ao Lar Abrigo do Tejo, seguido de almoço

– 15h30 - na Moita, fará uma **declaração sobre Pobreza e Exclusão Social no Hip-Hop** - Centro de Juventude da Câmara Municipal

– 16h15 - visita ao Lar Pedro Rodrigues Costa, da Santa Casa da Misericórdia em Alhos Vedros.

Sexta-feira, 29

António Abreu visitará, em Lisboa, às 18h00, a Casa do Alentejo a convite da sua Direcção.

Sábado, 30

Às 11h00, o candidato do PCP visitará, em Lisboa, o Centro de Acolhimento do Casal Ventoso.

Terça-feira, 2

– Às 11h00, o candidato do PCP visita, em Lisboa, o Instituto de Meteorologia e terá contactos com os seus trabalhadores

– às 14h30, também em Lisboa, terá um encontro com a Direcção da Associação Portuguesa de Deficientes.

Réveillon 2000-2001

Promovido pela Comissão de Freguesia de St.ª Iria de Azóia, realiza-se, na noite de 31 de Dezembro, a partir das 21h00, no Centro de Trabalho do Partido, uma festa de passagem de ano. O PCP convida militantes e amigos do Partido, solicitando aos convivas que tragam o respectivo farnel, sendo o champanhe oferta do PCP.

Haverá um bem apetrechado serviço de bar, música e vídeo. As inscrições (grátis) estão abertas no Centro de Trabalho até de amanhã, sexta-feira, através do telefone 219590010 entre as 21h00 e as 23h00 e do telefone 219561005, nas horas normais de trabalho.

• Raul Castro

Breve história do «vira- -casaquismo»

(Relembrando aqueles que trocaram os seus ideais da juventude por ideias mais rentáveis e acomodadas)

«Virar a casaca» é a expressão popular para designar aqueles que mudam de ideais em favor de benefícios materiais ou de poder, quando não dos dois, ao mesmo tempo. E como já se tem posto em causa o «marxismo-leninismo», nada mais oportuno que lhe associar o «vira-casaquismo», que é, aliás, fenómeno já antigo no nosso país.

Na verdade, no século XIX, ao retratar, com a sua fina ironia, o Conde de Abranhos, que iniciou a sua «brilhante» carreira política, denunciando, na Universidade, um seu colega que assustava um «lente» saltando na aula um morcego, Eça de Queiroz não se esqueceu de referir o «virar de casaca» do Conde de Abranhos, nestes termos:

«Decerto tinha deveres para com Cardoso Torres: fôra ele que o nomeara deputado, que lhe abria as portas da vida pública, que o fizera... Mas, por outro lado, tinha deveres maiores para consigo mesmo, para a sua carreira...

... E quando em princípios de Novembro voltou para Lisboa tinha decidido, no segredo da sua alma, passar-se com as suas armas de eloquência e a sua bagagem de saber para o campo inimigo.

Muitas vezes este grande acto político foi chamado uma «indecente traição»

(«O Conde de Abranhos», notas biográficas por Z. Zagalo, pp. 156-157.)

E, se do século XIX passarmos para o século XX, logo nos longos anos da ditadura fascista, não faltaram os «vira-casacas» chamados «republicanos», que aderiram ao regime de Salazar. E, entre eles, ficou célebre o Dr. Vasco Borges, conhecida figura de «republicano» que aderiu ao fascismo salazarista, até porque tal cambalhota política ficou assinalada por um anúncio, publicado no «Diário de Notícias», com o título «Casaca Virada - Vende-se», e com a indicação do número do telefone do Dr. Vasco Borges, não faltando telefonemas a perguntar quanto custava a casaca virada...

E também merece destaque outra personalidade de «republicano» que também «virou a casaca» a favor do fascista Salazar, o juiz Antero Cardoso, para progredir na carreira, ainda quando juiz de 1.ª Instância num jantar de despedida, em Braga, proclama a sua adesão ao salazarismo. Assim é promovido a desembargador (Juiz da Relação) e escolhido pelo Governo salazarista para presidir ao primeiro Tribunal Plenário do Porto, onde fica célebre por ser ainda mais duro que os dois juízes vogais, para mostrar que a sua conversão fora tão sincera que por vezes assinava vencido os acórdãos, por entender que as penas deviam ser superiores às que os outros dois juízes aplicavam.

Aliás, também este Tribunal Plenário do Porto, criado pelo fascismo para julgar «crimes» políticos, não escapou a um anúncio, publicado no «Primeiro de Janeiro», então jornal «republicano», deste teor:

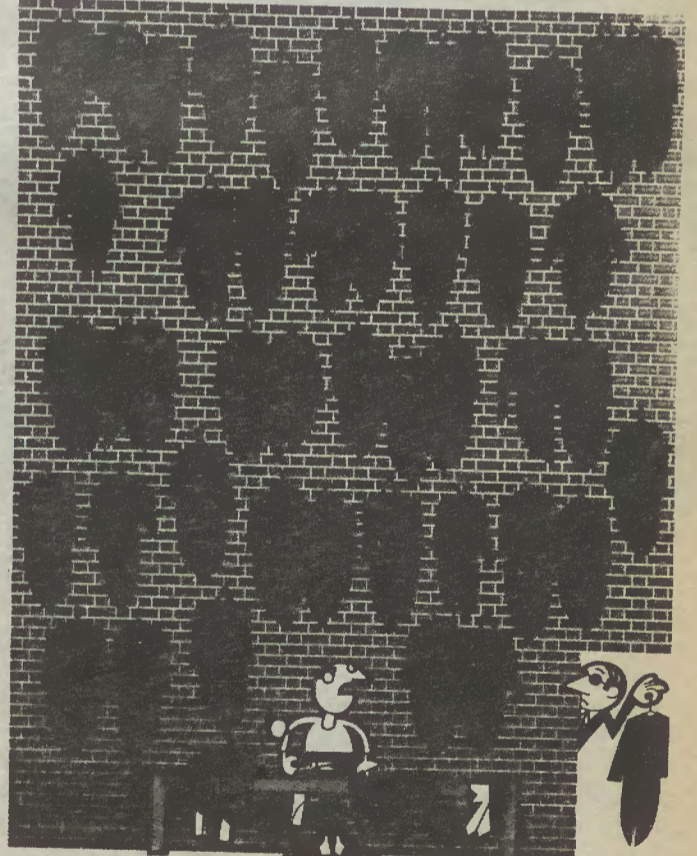
«Moço de fretes, oferecem-se três e um rapaz, para serviços de toda a confiança. Falar Rua Formosa, 111.»

É claro que os três «moços de fretes» eram os três juízes do Tribunal Plenário, o «rapaz» era o Procurador da República, e a Rua Formosa, 111 foi o primeiro local onde funcionou o Tribunal Plenário do Porto.

Em todos os tempos, o «virar a casaca» tem servido para satisfazer ambições de poder ou de dinheiro, ou as duas simultaneamente, e neste aspecto são inimagináveis os lugares e as benesses que actualmente o poder distribui aos que a si aderem. É que não são apenas cargos de deputados, presidentes de câmaras, ministros ou secretários de Estado, mas muitos outros, desde conselhos de administração até aos mais variados lugares na função pública e em empresas públicas.

Pode mesmo dizer-se que os governos do Eng.º Guterres estabeleceram, em relação aos anteriores governos do Prof. Cavaco Silva, um record não só batendo-os no número das privatizações como no número de «jobs for the boys» («lugares para os rapazes») com que infestou o aparelho de Estado, nomea-

sem mãos a medir



Não me chateia! Já disse que se lhe posso virar a casaca lá para Setembro

damente com «casacas viradas» que tem acolhido e que não têm vergonha de se inscrever num Partido que não se cansavam de criticar.

Porém, só na canção é que «a vergonha é a herança maior que o meu pai me deixou».

Com efeito, outro vulto destacado de «casaca virada», no nosso tempo, é o Dr. Mário Soares. No célebre debate televisivo com o Dr. Álvaro Cunhal, o Dr. Mário Soares afirmou que também defendia uma sociedade sem classes, socialista. Todavia, alguns anos mais tarde, o Dr. Mário Soares «vira a casaca» e afirma que «meteu o socialismo na gaveta», posição esta, de resto, fielmente seguida pelas sucessivas direcções do Partido Socialista, estando por explicar como pode ainda chamar-se «socialista» um partido que meteu o socialismo na gaveta, assim como é de difícil explicação a adesão, a tal partido, daqueles «vira-casacas» que diziam defender o socialismo.

«O «vira-casaquismo» tem um grande inimigo que é a memória. Os que «viram a casaca» esquecem-se que há quem tenha memória e se lembre do que eles diziam e faziam, por vezes durante muitos anos, precisamente ao contrário do que dizem e fazem agora.

● A. Melo de Carvalho

«**A** finalidade do Movimento Olímpico é convocar todos os atletas do Mundo para um grande festival do desporto, suscitando desta forma o respeito e a boa vontade internacional e contribuindo assim para a construção de um mundo melhor e mais pacífico.» Este é, sem dúvida, um ponto nuclear na Carta Olímpica que permite ver com clareza o sentido essencial do Olimpismo. Aliás, clarificado e completado ainda com outro princípio fundamental: «Não é admitida nenhuma discriminação em relação a qualquer país ou pessoa por razões raciais, religiosas ou políticas.»

Poder-se-ia pensar que o simples enunciado destes dois princípios seria suficiente para esclarecer o significado do Olimpismo, ao mesmo tempo que poderiam definir-se as vias mais indicadas para transformá-los em realidade. Mas não é assim: em torno do Olimpismo tem-se vivido uma série de contradições que lhe tem retirado muito do seu significado concreto. De tal modo



que, não só o próprio Movimento, em especial em relação aos seus órgãos de cúpula, tem sido objecto de críticas severas, como também a própria «ideia Olímpica» nunca conseguiu penetrar na generalidade da opinião pública mundial.

Sabe-se que a iniciativa de reconstruir os Jogos Olímpicos da Antiguidade não foi originalmente do barão Pierre de Coubertin, e que percorreu grande parte do século XIX. Mas foi ele que, não só lhe deu expressão prática através da sua persistência e vontade inquebrável perante todos os obstáculos e incompreensões, como também elaborou todo conjunto de conceitos essenciais que constituíram a «mensagem Coubertiniana», por sua vez identificada com a Mensagem Olímpica.

Todavia, esta Mensagem, logo nas suas primeiras formulações, encerrou contradições que vieram a determinar toda a evolução do Olimpismo Moderno. De facto, desde muito cedo, no primeiro quarto do século XX, os Jogos Olímpicos foram «sentidos» pelos movimentos populares como algo que não lhes dizia respeito, e eram consideradas como os «jogos dos ricos». De tal forma esta tendência se afirmou que, quando do escândalo da organização dos Jogos de Berlim em 1936, várias concorrentes

As contradições do Olimpismo (2)

da organização dos trabalhadores decidiram criar uns Jogos alternativos.

Atitudes contrárias

Os Jogos de Barcelona, que receberam cerca de 6000 atletas inscritos por organizações de vários pontos do planeta, não chegaram a realizar-se, pois no dia da cerimónia de abertura as tropas de Franco desembarcaram e tomaram a capital da Catalunha. Muitos dos atletas presentes chegaram a pegar em armas para combater os revoltosos e, entre eles, houve feridos e mortos.

tuna que, aliás, pôs inteiramente ao serviço do seu ideal) e as características próprias da sua época. Coubertin nasceu em 1863 e todo o seu pensamento se estruturou na fase ascendente do capitalismo em todo o Mundo, e de grande triunfo de colonialismo com todas as consequências que hoje se conhecem. Ao mesmo tempo é profundamente influenciado pela concepção pedagógica das «public schools» inglesas (como se sabe frequentadas pela juventude aristocrática ao contrário daquilo que se poderia pensar por se designarem escolas pré-cilizadas). Mas o pendur pedagógico e democrático do Barão levou-o a considerar aspectos de enorme correcção

Desta forma, resoluções com a importância e a magnitude daquelas que foram tomadas na reunião dos ministros dos desportos dos países não alinhados, de Julho de 1986 em Pyongyang, foram rejeitadas. «Condenação da tendência acelerada para o profissionalismo e o mercantilismo, que surge no seio do Movimento Olímpico, pondo em causa o desenvolvimento desportivo dos países do Terceiro Mundo», oposição ao Projecto do Código do Atleta proposta pelo COI permitindo o acesso dos profissionais aos Jogos Olímpicos, são resoluções que este acaba por rejeitar, no afã de fazer dos Jogos Olímpicos o maior acontecimento mediático do Planeta e de se colocar numa posição de liderança de todo o desporto mundial.

Os Jogos transformaram-se assim num enorme negócio, em especial para os *media*, para as cidades organizadoras e para certas empresas. Este aspecto assumiu um carácter tal que está a determinar o essencial da orientação seguida pelo COI e não são as verbas conseguidas e distribuídas pela Solidariedade Olímpica que podem compensar aquilo que muitos consideram uma «deriva» para mercantilismo cujas consequências são já bem visíveis em todo o desporto. Questão que assume cada vez maior gravidade ao conhecer-se a profundidade da corrupção que atingiu certos dos seus membros.

A situação criada é de tal modo grave que determinou já uma nova tomada de posição da própria ONU que considerou ser indispensável alertar a opinião pública para uma evolução de que não se descortinam os efeitos positivos. A alternativa que se coloca desde já, e de que o próprio Movimento Olímpico tem de tomar plena consciência, desenhas-se entre uma organização cada vez mais fortemente mercantilista e que exclui grande parte dos países, em especial os do 3.º Mundo, prejudicando o seu desenvolvimento desportivo, e os Jogos que têm como objectivo promover a amizade entre os povos e o encontro entre a juventude de todo o Mundo, colocando no centro dos seus interesses a pessoa do atleta e não os interesses financeiros.

A grandiosidade e o impacto espectacular das cerimónias de abertura e de fecho, a apresentação entusiástica das competições pelas televisões e a ausência de qualquer debate público sobre a questão do Olimpismo, serve como é natural aqueles que promovem, defendem e utilizam em seu proveito a primeira perspectiva. Todavia, não consegue deter a vaga de descrédito que envolve a acção do COI, a diluição da mensagem do próprio espírito olímpico.

Em suma: o que está em causa é desfrinçar na Mensagem Coubertiniana, o que é verdadeiramente a favor do homem e o que é mercantilismo e «show business». O futuro não se descortina, no presente, como fácil para a primeira concepção. Mas o estudo das contradições do Olimpismo fornece elementos de compreensão das diferentes perspectivas que se podem delinear e constituem elementos importantes para a definição do caminho a seguir para a defesa do Ideal Olímpico como valor histórico de referência para a evolução do desporto.

Isto significa que as organizações populares não rejeitaram, já nessa altura, a Ideia Olímpica e, pelo contrário consideraram-na como algo de positivo. O que movia a sua acção era já nessa altura, a apropriação dos Jogos, e o seu uso, em favor das classes dominantes. Mas, ao mesmo tempo, e de acordo com a própria visão de Coubertin, os elementos constituintes do COI, todos eles convidados e com suficiente capacidade financeira para poderem ser totalmente independentes de qualquer poder político ou económico, decidiram aceitar a candidatura de Hitler para organizar um acontecimento que todos sabiam constituir uma manifestação de pura propaganda afirmativa do nazismo.

Ora, como é possível que uma mesma ideia dê origem a atitudes absolutamente contrárias? Desde o seu início que a Mensagem Coubertiniana encerra uma profunda contradição: por um lado, pretende procura garantir a perenidade da ordem estabelecida e manter intocáveis as bases da sociedade. Por outro lado, pretende provocar mudanças de acordo com uma visão progressista inclusive em claro favor das classes mais desprotegidas.

Para se compreender esta contradição tem de se tomar em consideração, simultaneamente a origem social de Coubertin (um alto aristocrata possuidor de larga for-

como aqueles que se referiram no início. Assim, ao lado da visão que o levou a levantar objecções à presença das mulheres nos Jogos Olímpicos por influência da concepção clássica, defende, pela primeira vez na sua história do desporto, a concepção do «desporto para todos» mas para além dela, a ainda mais importante concepção de «todos os desportos para todos».

Coubertin não põe em causa a sociedade do seu tempo, apesar de conhecer as profundas contradições que a caracteriza, pretendendo que o afrontamento de classes se resolva através da reconciliação. É esta ambiguidade do seu pensamento que impregna a sua «pedagogia desportiva» e dá origem às contradições vividas pelo Olimpismo.

Uma espécie de negócio

No presente, a questão que se coloca resume-se em saber se se valoriza a contribuição de Coubertin para o progresso social, ou se, pelo contrário, é o carácter conservador e ultrapassado do seu pensamento que prevalece. Desde a intervenção de Samaranch, que assumiu a presidência do CIO em 1981, que a última concepção está em predomínio nítido, aliado às concepções neoliberal do novo presidente.

“Big Brother”:

a guerrilha ideológica

• Eduardo Costa

Muito já se disse sobre o programa do quarto canal: que é um assalto sem princípios e bem sucedido às taxas de audiência, que é um golpe despuadorado na privacidade mais íntima de todos os cidadãos, executado nas pessoas de alguns, que leva mais longe que qualquer outro programa a alienação e o soterrar de uma cultura debaixo de uma diversão pimba, que é, em suma, um espectáculo ignóbil. Disse-se, escreveu-se, e é justo.

Isto é, fornecem como modelos o enriquecimento fácil, a agressividade sempre desembainhada, tudo apimentado por um erotismo boçal. Só que o actual programa do quarto canal consegue ir mais longe... e mais rasteiro.

Mais uma vez o quarto canal adquiriu um enlatado na estranha e de péssima qualidade, mas, desta feita, de data muito mais recente do que lhe é habitual, e de créditos firmados no que toca a juro de audiência e outros, um jardel televisivo. Falemos dos outros juro, nomeadamente dos ideológicos, que são a verdadeira alma do negócio.

feita de qualquer modo, mas feita). A privacidade dos corpos, dos pensamentos, dos afectos, das vontades, a mais íntima, é vendável. E a venda é tão quotidiana, tão repetida, tão banalizada, tão exposta, que se pretende que seja admissível, legítima, mesmo exemplar, pois que é recompensada.

O segundo teorema capciosamente demonstrado pelos mesmos processos, e o segundo crime contra a saúde pública, é o de que a lei suprema da sociedade é a lei da selva, sobreviver é o valor mais elevado, para sobreviver todos os recursos são lícitos, os mais fortes liquidam e devem liquidar os mais fracos, qualquer princípio de solidariedade é letra morta, letra de retórica que uns minutos de «confessionário» arrasam. Para sobreviver, os concorrentes são estimulados a mobilizar os seus talentos, os seus charmes, as suas astúcias... as suas perfídias.

A lei da selva, da sobrevivência, atravessa e comanda todo o programa. Teorema com um corolário: sobreviver implica delatar; queres permacer no concurso, delata. Delatar é uma regra inquestionável, sem a qual o espectáculo não seria possível, infringir esta regra seria ferir o espectáculo de morte. Todos delatam sobre tudo e sobre todos. O «big brother» cria um submundo de delação e de delatores.

Não é por acaso que os momentos da delação são os momentos cruciais do folhetim-serial-killer - e os mais visionados - e o local da delação um misto de confessionário e de sala de interrogatórios (trata-se de uma confissão

«consentida»!). A perturbação dos concorrentes nestes momentos é manifesta e os cuidados da produção em relação a tais momentos

pressionar os concorrentes para além do limiar do que deveria ser o inominável).

Guerrilha ideológica

O tele-utente ou o tele-dependente é atraído para a cumplicidade e colocado numa posição de difícil saída: se não assiste não tem o direito moral de criticar e torna-se responsável de não reunir as condições exigíveis à crítica; e se assiste é cúmplice, diga o que diga, pois sabe-se lá as razões subterrâneas que o levam a assistir, o facto é que assiste; em última instância, é o público que decide quem é expulso do concurso e, assim, fica comprometido nele. E é o programa de maior audiência, não é?... (Quem disse que não existem crimes perfeitos?)

O programa do quarto canal vai mais longe e mais baixo num caminho percorrido por grande parte dos nossos *media*, no qual a fronteira entre a realidade e o espectáculo (já nem é a ficção, mas a ficção subordinada ao espectáculo) se esbate, torna-se «um espectáculo da vida real», no qual, seccionados, seleccionados, montados, ficcionados em folhetim (que se prolonga para fora da «casa big brother» em entrevistas, pseudo-inquéritos, encontros, «romances», claques de fans), os acontecimentos reais perdem realidade, fundem-se com a ficção, e alijam a responsabilidade moral no trânsito do real ao virtual.

Nem o público nem os participantes no concurso - mais ou menos simpáticos que nos sejam, mais ou menos conscientes e coniventes do que lhes acontece - merecem o que lhes é proposto: uma descida ao subsolo cão da humanidade.

Programas deste tipo têm o mérito dúbio de chamarem à ribalta da actualidade a importância da ética dos profissionais da comunicação, do jornalismo, do espectáculo, das ciências sociais.

Ninguém pode permanecer indiferente ao facto de que «entretenimentos» deste novo tipo jogam com os desejos subconscientes de todos nós, massas anónimas, ignoradas, que vêm nos concorrentes, seres tão pouco extraordinários quanto nós próprios, a possibilidade ao alcance da mão (ou seja, de um golpe benfazejo da sorte) de sair da escuridão dos sem-nome e entrar no estrelato dos ricos e notáveis. Tudo de bandeja em troca de uma «bagatela arqueológica»: o respeito e a dignidade que nos devemos a nós próprios e aos outros.

Debaixo da máscara de curioso e benevolente entretenimento, o programa do quarto canal revela a verdadeira face e as fauces do predador de pessoas, seres humanos para os quais o respeito e a dignidade são virtudes intrínsecas. O programa do quarto canal não é outra coisa senão um cursilho de guerrilha ideológica a pretender abrir caminho para um novo submundo, de sub-humanos, ao gosto e ao jeito dos arautos da morte das ideologias e da morte do humanismo. Fukuyama *dixit*.



Mas tudo isto dito, à mistura com as confissões de consciências inseguras por todas as noites o persecutarem ou de consciências empertigadas porque afirmam que nunca o olharam, talvez ainda não tenha sido suficientemente sublinhado o essencial: se o «Big Brother» é uma manobra desesperada e de alto risco de um ex-canal da Igreja, conhecido pelos enlatados de quinta ordem que servia (e serve) aos utentes, para recuperar as finanças em derrapagem, **ele é, sobretudo, uma peça de propaganda ideológica neste mundo que se pretende de pensamento único e liberto das ideologias.**

Para ser exacto, o actual programa do quarto canal inscreve-se num cerco ideológico mais ambicioso, onde todos os canais televisivos têm colaborado, onde o terceiro canal tanto se tem distinguido, no qual concursos sobre «a febre de ganhar dinheiro» se travestem em entretenimento cultural ou as entrevistas e análises do futebol são sistematicamente erigidas em massacres públicos do pensamento, de pessoas, de comunidades e de regiões, no qual as «diversões» à João Baião dão o tom.

Três teoremas

De facto, o quarto canal simula provar, numa vertigem geométrica, três teoremas, que são outros tantos crimes de lesa-saúde pública.

O primeiro teorema, e o primeiro crime contra a saúde pública, garante que o dinheiro compra tudo. Não é propriamente nenhuma novidade, é tão velho como a velha classe burguesa, mas é sempre indispensável à burguesia reafirmá-lo, não vá ele perder uma parte da sua eficácia.

Aqui trata-se de provar que o dinheiro compra mesmo os recessos mais íntimos da consciência e que essa consciência nada mais representa que uma minudência obsoleta perante a força avassaladora do capital. Para a demonstração, e de acordo com a receita alugada, o canal muniu-se de doze pessoas (dispostas a vender a alma ao diabo por um saco de sonante dinheiro e uma taça de popularidade), supostas representantes da juventude portuguesa, cuidadosamente seleccionadas por uma equipa de psicólogos, segundo a lógica do espectáculo.

A demonstração está feita (mal feita,

podem ser compulsados: inicialmente pedia-se aos concorrentes que «nomeassem» colegas (para serem expulsos), depois evoluiu-se para o termo «expulsões», do qual se arrependeram para retornar às «nomeações», pedindo sempre «justificações» para... o injustificável.

O terceiro teorema e o terceiro crime contra a saúde pública consiste em fazer passar como aceitável a invasão da vida privada e a instituição de um sistema de espionagem permanente e total que pode abranger mesmo os aspectos mais caricatos do quotidiano. É a realização da previsão de George Orwell... dentro de um sistema que se pretende, senão como a realização exemplar da democracia, pelo menos como a realização possível e definitiva da democracia.

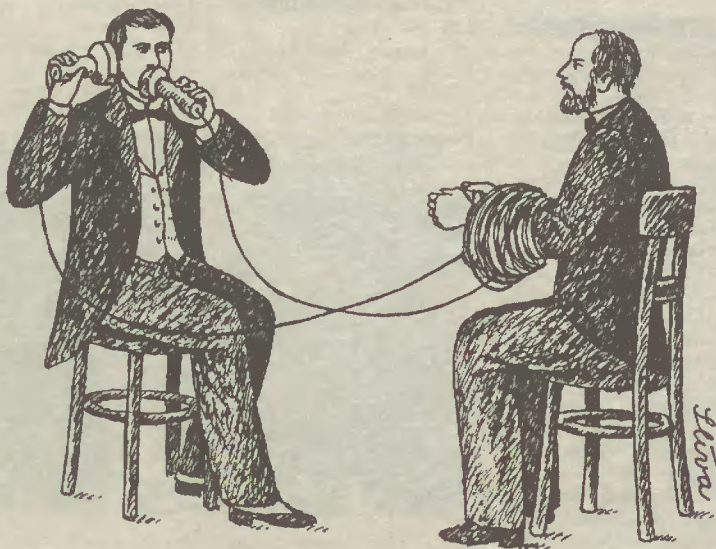
A delação de todos contra todos e a espionagem absoluta e total, 24 horas sobre 24 horas, surgem como dois momentos correlatos, que se implicam e que se pretendem toleráveis, de perfil até bonacheirão (lá está a cara da apresentadora, tia-madrinha pretensa distribuidora de benesses, a fazer passar a mensagem; como é ela também a

Comunicação

Francisco Silva

O que é isso dos meios de comunicação, ao contrário das outras tecnologias, como escreveste recentemente, parecem só ter vantagens e não apresentarem desvantagens? - disseste mais ou menos assim. Não te parece estranho argumentar de forma tão leviana, ao mesmo tempo que, talvez temendo a crítica dos «teus», foste opinando no texto ser claro para ti que as coisas, afinal, não são tão radiosas e simples assim, mas que, de qualquer forma, o argumento também não é, já agora, tão desprovido de realidade? Em que ficamos, afinal?

Até parece que no fim contradizes o que vinhas a afirmar, sem contudo queres exprimi-lo de forma explícita!



Não eras tu próprio a escrever, há não tantos anos assim, nas «Fronteiras do futuro» por exemplo, serem os satélites de comunicações um meio que mais parecia feito para a espionagem em larga escala? E que, de entre os meios de comunicação, era sobretudo para os meios de comunicação social, nomeadamente para a televisão, que eles, os satélites, constituíam um instrumento formidável? A mesma televisão manipuladora, difusora do conformismo social, instrumento principal para a difusão capitalista do consumismo, homogeneizadora de culturas e pensamentos? O tal pensamento único, não era?

Até fornecias ilustrações de manipulações, lembras-te? Por exemplo, a encenação dos mortos na romena Timisoara, corpos retirados do cemitério para dar mais impacto às imagens sobre as safadezas finais de Ceausescu - um campeão de safadezas, não estou de posse de informação que o negue. E os croatas assassinados por sérvios, que afinal eram sérvios assassinados por croatas no turbilhão jugoslavo?

Os métodos do espectáculo, a manipulação da informação, caso sirvam «bons» fins, são aceitáveis? Não inquinam antes, logo à partida, as alternativas dos seus

A bondade dos meios

portadores, também elas capazes do pior, quando no terreno? (Não sou um céptico, mas também temos o dever de não ser ingénios.)

Bom, o conteúdo de classe dos conteúdos pode determinar da bondade dos meios de comunicação consoante os interesses de classe em jogo, bem sei. E também, há a controversa questão dos meios e dos fins, sei-o. Tudo isto sobre um pano de fundo em que a detenção dos meios de comunicação mais poderosos só é possível aos poderosos desta nossa Terra.

Mas ainda há a questão das características da tecnologia, sistema ou meio utilizado, por exemplo uma bomba ou uma central de produção de energia. Assim também é com o utilizar os satélites para espiar-nos, logo a nós. É uma coisa má, sem dúvida. Mas se os utilizarmos para observar o inimigo que nos pretende destruir, é um método legítimo que assiste aos nossos direitos? E quem julga quando se trata ou não de uma defesa legítima? Outra vez os meios e os fins!

Volto agora ao tema da difusão de informação para todos e concedo que a televisão talvez possa ser considerada boa se difundir bons programas, bons conteúdos, como se diz agora, ou se estiver do nosso lado, e má, no caso contrário. Mas fico com dúvidas quanto a este maniqueísmo - os meus filhos desaprovam-no também!

Isto, pela mesma ordem de razões, também é verdade para os outros meios de comunicação social, desde o rádio e a imprensa até aos próprios livros, quantos deles considerados perigosos. Vejam o Werther de Goethe, quantos suicídios de jovens provocou no seu tempo. Até chegou a ser proibido lá para o norte da Europa. E, não é um acto cultural, aconselhar todos a ler esta obra?

Quanto aos «maus» conteúdos, a minha própria experiência de chegar a Marx através da leitura de um livro violentamente antimarxista, mostrou-me uma certa relatividade quanto os efeitos pretendidos por quem publica. Foi leitura importante para o meu abraçar do seu pensamento.

E tudo isto para me «limpar» de um escrito no qual para argumentar acerca da genérica bondade dos meios de comunicação tinha insistido em exemplos de meios conversacionais como telefone, onde os conteúdos não são impostos.

É um complexo processo de avaliação, o dos meios de comunicação, eu sei. Mas há quem possa negar, tudo somado, deverem os meios de comunicação ser acessíveis a todos? Que tal acessibilidade é um direito e uma necessidade sentida por todos os (bilhões de) seres humanos que povoam a Terra?

(Antes de terminar, peço a compreensão dos leitores pela utilização extensiva neste texto do termo «conteúdo», à maneira da moda e calão da «nova economia».)

Pontos Naturais

Mário Castrim

Sonetando

Receita

Tu dizes que gostavas de fazer um soneto. Está bem. Então espreita com atenção. Vá lá. Segue a receita da avó. Começa já por escrever

uma quadra. Repara: o novo ser vai ser, vai ser. Uma emoção perfeita se apodera de ti. Rápido ajeita outra quadra. Já está? Põe a aquecer

o terceto. E quando esse estiver quente corta um segundo. Repentinamente já do soneto a forma idealizada

começa a vislumbrar-se. Num assomo é que vais vir. Perguntarás: mas como? Só tu sabes. Ninguém te diz mais nada.

Pedro

Fraco, no velho templo, a alma acesa beijo a mão do Senhor, com devoção. Não há maior mistério que esta mão operária da esperança e da riqueza.

A pele pura e prata. A transparência da água, onde perpassam mil segredos as falanges puríssimas dos dedos o grande polegar, o rei da essência.

Abandonadamente mostra a palma em tecido finíssimo das rosas onde as linhas se cruzam misteriosas nos dorsos everésticos da alma.

A mão de Pedro. Três mesinhos. Esta fortaleza invencível que nos resta.

Democracia

Não vos quero ofender, Senhora minha. As vossas muitas prendas enalteço e para as merecer dorido preço paguei, dando-te tudo quanto tinha.

Mas eis que em escuro nevoeiro espesso ides, trémula, assim perdendo a linha. Deixais que à noite os cães vos vão à vinha vo-la pondo virada do avesso.

Andais para aí metida com uma malta que snifa, rouba legalmente, assalta e vos cobre de escárneo e desconforto.

Esses chulos, Senhora, ou os largais ou eles não vos oferecem mais que um vago nome para um corpo morto.

Carta do 2000

Adeus, pá. Cá me vou. Vou triste? Um pouco. Que diabo, a vida é a vida e afinal ela tem um gostinho especial como diz o anúncio. Não sou louco

a gritar como quem levou um soco nos queixos. Olha, eu cá fiz bem, fiz mal mas dei meu contributo pessoal para que a História cresça pouco a pouco.

Tás a ber - como dizem os do Big? Por muito que se rosne e que se intrigue regressos ao passado ninguém cante.

Só quem planta as figueiras come os figos. Um abraço para todos os amigos. Ao sol de todas as manhãs, avante!

Cartoon

Monginho

